



Eduardo Cabral da Silva
Eliana Maria Cunha de Castro
Luciana de Omena Gusmão
ORGS

Psicologia Ambiental

Eduardo Cabral da Silva
Eliana Maria Cunha de Castro
Luciana de Omena Gusmão
(Organizadores)

**PSICOLOGIA
AMBIENTAL**

DIREÇÃO EDITORIAL: Betijane Soares de Barros

REVISÃO: Organizadores

DIAGRAMAÇÃO: Luciele Vieira da Silva

DESIGNER DE CAPA: Canva

O padrão ortográfico, o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas do autor. Da mesma forma, o conteúdo da obra é de inteira e exclusiva responsabilidade de seu autor.



Todos os livros publicados pela Editora Hawking estão sob os direitos da Creative Commons 4.0 https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR

2019 Editora HAWKING

Av. Av. Fernandes Lima, 08 -Farol, Maceió – AL, CEP 57051-000

Site: www.editorahawking.com.br

E-mail: editorahawking@gmail.com

Catálogo na publicação

Elaborada por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

P974

Psicologia ambiental / Organização de Eduardo Cabral da Silva, Eliana Maria Cunha de Castro, Luciana de Omena Gusmão. – Maceió: Hawking, 2025.

Livro em PDF

ISBN 978-65-88220-92-4

1. Psicologia ambiental. I. Silva, Eduardo Cabral da (Organizador). II. Castro, Eliana Maria Cunha de (Organizadora). III. Gusmão, Luciana de Omena (Organizadora). IV. Título.

CDD 155.9042

Índice para catálogo sistemático

I. Psicologia ambiental

Eduardo Cabral da Silva
Eliana Maria Cunha de Castro
Luciana de Omena Gusmão
(Organizadores)

PSICOLOGIA AMBIENTAL

Maceió-AL
2025



Direção Editorial

Dra. Betijane Soares de Barros
Instituto Multidisciplinar de Alagoas – IMAS (Brasil)

Conselho Editorial

Dra. Adriana de Lima Mendonça/Universidade Federal de Alagoas – UFAL (Brasil), Universidade Tiradentes - UNIT (Brasil)

Dra. Ana Marlusia Alves Bomfim / Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas – UNCISAL (Brasil)

Dra. Ana Paula Morais Carvalho Macedo /Universidade do Minho (Portugal)

Dra. Andrea Marques Vanderlei Fregadolli/Universidade Federal de Alagoas – UFAL (Brasil)

Dr. Eduardo Cabral da Silva/Universidade Federal de Pernambuco - UFPE (Brasil)

Dr. Fábio Luiz Fregadolli//Universidade Federal de Alagoas – UFAL (Brasil)

Dra. Maria de Lourdes Fonseca Vieira/Universidade Federal de Alagoas – UFAL (Brasil)

Dra. Jamyle Nunes de Souza Ferro/Universidade Federal de Alagoas – UFAL (Brasil)

Dra. Laís da Costa Agra/Universidade Federal do Rio de Janeiro- UFRJ (Brasil)

Dra. Lucy Vieira da Silva Lima/Universidade Federal de Alagoas – UFAL (Brasil)

Dr. Rafael Vital dos Santos/Universidade Federal de Alagoas – UFAL (Brasil), Universidade Tiradentes – UNIT (Brasil)

Dr. Anderson de Alencar Menezes/Universidade Federal de Alagoas – UFAL (Brasil)

Esta obra é fruto do olhar sensível e investigativo de estudantes do curso de Psicologia em uma universidade no Agreste de Pernambuco, orientados por professores dedicados à reflexão crítica sobre as relações humano-ambientais. Inspirados pela obra seminal 'Psicologia Ambiental: Conceitos para a Leitura da Relação Pessoa-Ambiente', de Sylvia Cavalcante e Gleice A. Elali, mergulhamos em um processo coletivo de aprendizado.

Eduardo Cabral da Silva
Eliana Maria Cunha de Castro
Luciana de Omena Gusmão
(Organizadores)

SUMÁRIO

ONDE EM NÓS A CASA MORA? OS AMBIENTES RESIDENCIAIS NAS RELAÇÕES PESSOA-AMBIENTE	10
A EDUCAÇÃO AMBIENTAL E A PSICOLOGIA AMBIENTAL COMO UMA PROPOSTA TRANSDISCIPLINAR NA PROMOÇÃO DA SUSTENTABILIDADE	20
RELAÇÕES ENTRE COMPORTAMENTO HUMANO E AMBIÊNCIA: UMA REFLEXÃO COM BASE NA PSICOLOGIA AMBIENTAL.....	28
A DIMENSÃO EDUCATIVA DO PÁTIO ESCOLAR: CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA AMBIENTAL	34
AMBIENTE PARA CRIANÇAS PEQUENAS	39
RELAÇÕES DE BEM ESTAR E ESTRESSE NO AMBIENTE HOSPITALAR	45
A NATUREZA: ESPAÇO DE DESENVOLVIMENTO, QUALIDADE DE VIDA E AFETIVIDADE	55
O PÁTIO ESCOLAR: OS DESAFIOS PARA A REINVENÇÃO DO PÁTIO ESCOLAR NO CONTEXTO PÓS-PANDEMIA COVID-19.....	61
O AMBIENTE INFANTIL: LOCAL DE DESENVOLVIMENTO	67
PROPOSTA TRANSDISCIPLINAR EM CONTEXTOS FORMATIVOS: CHAVE MESTRA PARA A SUSTENTABILIDADE	77

ESTRESSE NO AMBIENTE HOSPITALAR: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA À LUZ DA PSICOLOGIA AMBIENTAL	85
A AFETIVIDADE NO CONTEXTO UNIVERSITÁRIO: A RELAÇÃO DE APEGO ENTRE PROFESSORES, ESTUDANTES E SERVIDORES COM O CAMPUS	98
RELAÇÕES PESSOA-AMBIENTE EM CONTEXTO DE EXPANSÃO	108
A FORÇA DA NATUREZA NO AMBIENTE DE TRABALHO	117
MODIFICAÇÕES NO AMBIENTE EM DECORRÊNCIA DO COMPORTAMENTO HUMANO	128
A NATUREZA: ESPAÇO DE DESENVOLVIMENTO, QUALIDADE DE VIDA E AFETIVIDADE	138



ONDE EM NÓS A CASA MORA? OS AMBIENTES RESIDENCIAIS NAS RELAÇÕES PESSOA- AMBIENTE

Mariana Beatriz Vidal Santos

Allyne Rafaela Leal da Costa

Letícia Maria de Oliveira

Janaína Priscila Correia Melo Ribas Veríssimo da Silva

Vitória Taynara Otaviano Leite

INTRODUÇÃO

Sabe-se o quão importante é para uma pessoa a sensação de pertencer a um lugar. Apesar disso, a subjetividade humana tende a ser vista como algo que não tem relação com o ambiente físico e por isso, ele foi durante muito tempo negligenciado enquanto um fator que afeta diretamente a identidade de um sujeito (HAUGE, 2007). Os ambientes residenciais são constituídos pela vizinhança, pelo bairro e pelos locais em que as pessoas buscam serviços, como é o caso do comércio, da escola e do transporte público (LAWRENCE, 2002; TORRES, 2015).

O capítulo 1 do livro “Psicologia ambiental em contextos urbanos” traz que o ato de habitar um espaço, faz o indivíduo se sentir seguro do que acontece no ambiente externo e ele ainda tem sua privacidade preservada. O conceito de habitação

mostra a importância de pertencer a um local, socializar com outras pessoas, aprender coisas novas e assim, formar uma identidade junto à comunidade em que vive (BRONFENBRENNER, 1999; FISCHER, 1994).

Ainda no cenário do ambiente físico, é fundamental ressaltar que ele nem sempre é um espaço em que relações saudáveis são construídas, uma vez que habitar permite a construção de vínculos, segurança e conforto; mas também causa estresse e exige da pessoa adaptações constantes (GUNTHER, 2011; GUNTHER; FRAGELLI, 2011; PERLAVICIUTE; STEG, 2012; PROSHANSKY; FABIAN; KAMINOFF, 1983). Com base nisso, o objetivo principal do presente trabalho é a caracterizar os ambientes residenciais, a partir da discussão da relação entre pessoa-ambiente em diferentes locais de moradia, dando destaque aos níveis de satisfação e os fatores de vulnerabilidade socioambiental.

MÉTODOS

A apresentação do trabalho contou com a participação das cinco integrantes e se deu via a plataforma Teams. A metodologia empregada foi a pesquisa qualitativa, uma vez que se optou por uma discussão em grupo, onde foram selecionados anteriormente os tópicos de maior relevância a partir da leitura do capítulo 1 do livro “Psicologia ambiental em contextos urbanos”. Os aspectos destacados nos

resultados e discussão, buscam colaborar para a construção de novos conhecimentos acerca dos impactos causados pelos ambientes residenciais nas relações humanas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Há diversos fatores que são responsáveis por transmitir uma elevação nos níveis de satisfação com o ambiente residencial, dentre eles é possível citar a disponibilidade de serviços, o apoio social, a garantia de privacidade, a percepção de segurança e estética agradável (ALBUQUERQUE; GÜNTHER, 2019). Os autores ainda apresentam o valor dos espaços verdes ao redor desses locais. Eles contribuem para o bem-estar do sujeito, sendo um fator influente para a realização de atividades físicas. Ademais, auxiliam a melhorar o humor e a unir vínculos entre os moradores (KAPLAN; KAPLAN, 2011; WELLS; ROLLINGS, 2012).

Em sua obra, Lawton (1986) declara que as residências integram determinadas funções básicas. Entre elas, o autor enfatiza as de estimulação e flexibilidade, de suporte e de manutenção. A última tem um fator preponderante para garantir o apego que o sujeito possui por seu lar, os valores e significados positivos. Já a estimulação e flexibilidade estão relacionadas a adaptações que o indivíduo pode fazer. Por fim, o suporte é responsável em transformar a moradia em um local seguro.

É essencial salientar que os ambientes residenciais podem ter um efeito positivo ou negativo no sujeito. Quando possui uma estrutura capaz de gerar suporte é desenvolvido um efeito positivo e o local passa a ser considerado como um ambiente apoiador. A escassez de suporte, flexibilidade e compatibilidade com o local e com os moradores geram efeitos negativos (KAHANA; LOVEGREN; KAHANA; KAHANA, 2003). Em um estudo desenvolvido por Albuquerque e Higuchi (2015), percebeu-se que esses aspectos negativos mais os sentimentos de mal-estar e insegurança são algumas das razões para uma pessoa querer mudar de moradia.

Conforme Fornara, Bonaiuto e Bonnes (2010), para avaliar corretamente a qualidade de vida de uma residência é preciso analisar características de planejamento, sociais, funcionais e contextuais. A primeira possui duas formas de ser examinada, a objetiva através do trabalho de especialistas e a subjetiva por meio dos moradores. As sociais estão relacionadas ao convívio e vínculos criados entre os residentes. Quanto as funcionais, afirma-se que têm uma ligação com os serviços próximos disponíveis e as contextuais se associam as chances de elaborar atividades diversas.

Quando o assunto são os ambientes capazes de gerar vulnerabilidade socioambiental, como áreas de risco ou desprovidas de saneamento básico, é possível notar que nesses locais residem em sua

maioria pessoas com menos poder aquisitivo. Nesse cenário, ainda existem as pessoas em situação de rua, que por não possuírem moradia fixa, vivem em situação precária e são expostos a perigos sociais (CARTIER; BARCELOS; HUBNER; PORTO, 2009).

Um dos grandes problemas percebidos na utilização de conjuntos habitacionais como alternativa à vulnerabilidade social, é o fato de que não há uma infraestrutura voltada ao estabelecimento de redes assistenciais que ofereçam apoio aos moradores dos prédios. Além disso, é fundamental destacar que esses conjuntos ficam afastados dos centros urbanos, o que acarreta no descontrole da criminalidade. Isso poderia ser evitado se houvesse um sistema de vigilância, mas o que se percebe em grande parte são tentativas falhas de inclusão social, que na verdade resultam em exclusão (NEWMAN, 1995).

O incentivo e a implementação de áreas verdes e de lazer, bem como a criação de mercados ao ar livre pode propiciar um melhor aproveitamento urbano, a fim de que as pessoas se identifiquem com o ambiente que as cercam. Isso funciona como uma forma de integração da população com o local onde vivem e criar sentimentos e relações otimistas, o que acaba tendo como resultado a diminuição dos problemas sociais presentes nas ruas (NEWMAN, 1972; RAMÍREZ, 2002).

No Brasil, temos importantes projetos governamentais com o objetivo de construção de

algumas moradias sociais, sendo o mais conhecido de todos o Programa Minha Casa Minha Vida, iniciado no governo Lula no ano de 2009, após ser criado o Ministério das Cidades. Através deste programa milhares de brasileiros conseguiram ter a tão sonhada casa própria, no entanto há alguns problemas como a distância dos centros urbanos, estrutura desconfiável, vendas e alterações no imóvel não permitidas como a construção de primeiro andar, muros e venda do imóvel (NASCIMENTO; TOSTES, 2011).

Outro programa relevante é o Saneamento dos Igarapés de Manaus, onde são construídos conjuntos habitacionais com o objetivo de tirar as pessoas das margens dos rios, porém há resistência dos moradores que sentem dificuldade de se adaptar ao novo local de moradia que se veem longe dos antigos vizinhos porque são distribuídos em pontos distintos da cidade, o que causa a quebra de laços afetivos já formados (LEMOS, 2010).

CONCLUSÃO

Conclui-se, diante da leitura do capítulo 1, que as moradias são elementos muito importantes nos estudos da psicologia ambiental, isso porque, a qualidade de vida do sujeito é afetada diretamente pelo ambiente físico em que ele vive. Além disso, a realidade social é marcada por relações desiguais, onde nem sempre a moradia é sinônimo de satisfação e pode ser a responsável por desenvolver no ser

humano adoecimentos psíquicos. Diante disto, ressalta-se a necessidade dos projetos governamentais que atuam na construção de casas, serem capazes de assegurar a dignidade do indivíduo, para que este desenvolva uma relação de pertencimento com o lugar que habita.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, D. S.; GÜNTHER, I. A. Onde em nós a casa mora? Os ambientes residenciais nas relações pessoa-ambiente. In: HIGUCHI, M. I. G.; KUHNEN, A.; PATO, C (Orgs.). **Psicologia Ambiental em contextos urbanos**. 1ª ed. Florianópolis: Edições do bosque/CFH/UFSC, 2019.

ALBUQUERQUE, D. S.; HIGUCHI, M. I. G. Implicações socioafetivas do jovem com o local de moradia. In: MACHADO, F. V.; MASSOLA, G. M.; RIBEIRO, M. A. T. (Orgs.). **Estado, Ambiente e Movimentos sociais**. Florianópolis: Edições do Bosque CFH/UFSC, 2015.

BRONFENBRENNER, U. Environments in developmental perspective: theoretical and operational models. In: FRIEDMAN, S. L.; WACHS, T. D. (Eds.). **Measuring environment across the life span: emerging methods and concepts**. Washington, DC: American Psychological Association Press, 1999.

CARTIER, R.; BARCELLOS, C.; HUBNER, C.; PORTO, M. F. Vulnerabilidade socioambiental e risco ambiental: uma abordagem metodológica para avaliação de injustiça ambiental. **Cad. Saúde Pública**, v. 25, n. 12, p. 2695-2704, 2009.

FISCHER, G. **Psicologia Social do Ambiente**. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.

FORNARA, F.; BONAIUTO, M.; BONNES, M. Cross-validation of abbreviated perceived residential environmental quality (PREQ) and neighborhood attachment (NA) indicators. **Environment and Behavior**, v. 42, n. 2, p. 171- 196, 2010.

GUNTHER, I. A. Pressão Ambiental. In CAVALCANTE, S.; ELALI, G. A. (Orgs.). **Temas Básicos em Psicologia Ambiental**. São Paulo: Vozes, 2011.

GUNTHER, I. A.; FRAGELLI, T. B. O. Estresse Ambiental. In CAVALCANTE, S.; ELALI, G. A. (Orgs.). **Temas Básicos em Psicologia Ambiental**. São Paulo: Vozes, 2011.

HAUGE, A. L. Identity and Place: a critical comparison of three identity theories. **Architectural Science Review**, v. 50, n. 1, p. 44-51, 2007.

KAHANA, E.; LOVEGREEN, L.; KAHANA, B.; KAHANA, M. P., Environment, and Person-Environment it as influences on residential satisfaction of elders. **Environment and Behavior**, v. 35, n. 3, p. 434-453, 2003.

KAPLAN, R.; KAPLAN, S. Well-being, Reasonbleness and the natural environments. **Applied Psychology: health and well-being**, v. 3, n. 3, p. 304- 321, 2011.

LAWRENCE, R. J. Healthy Residential Environments. In: BETCHEL, R. B.; CHURCHMAN, A. (Eds). **Handbook of Environmental Psychology**. New York: John Wiley & Sons Inc., 2002. p. 394-412. ISBN: 0-471-40594-9.

LEMOS, J. A. **Vivendo a transição do ambiente de moradia: um estudo com moradores do Parque Residencial Manaus – PROSAMIM**. Dissertação (Mestrado em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2010.

NASCIMENTO, D. M.; TOSTES, S. P. Programa Minha Casa Minha Vida: a (mesma) política habitacional no Brasil. **Arquitextos**, v. 12, 2011.

NEWMAN, O. **Defensible space**. New York: Macmillan, 1972.

NEWMAN, O. Defensible Space: A new physical planning tool for urban revitalization. **Journal of the American Planning Association**, v. 61, n. 2, p. 149-155, 1995.

PERLAVICIUTE, G.; STEG, L. Calidad de vida em entornos residenciales. **Psycology**, v. 3, n. 3, p. 271-286, 2012.

PROSHANSKY, H. M.; FABIAN, A. K.; KAMINOFF, R. Place identity: physical world socialization of the self. **Journal of Environmental Psychology**, v. 3, p. 57-83, 1983.

RAMÍREZ, B. F. El medio urbano. In ARAGONÉS, J. I.; AMÉRIGO, M. (Coords.). **Psicologia Ambiental**. Madrid: Ediciones Pirámide, 2002.

TORRES, A. L. L. **O papel do ambiente residencial na qualidade de vida de idosos: um estudo exploratório em Cabedelo, Paraíba**. Tese (Doutorado em Psicologia) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2015.

WELLS, N. M.; ROLLINGS, K. A. The Natural Environment in Residential Settings: Influences on Human Health and Function. In: CLAYTON, S. D. (Ed.). **The Oxford Handbook of Environmental and Conservation Psychology**. New York: Oxford University Press, p. 611-628, 2012.



A EDUCAÇÃO AMBIENTAL E A PSICOLOGIA AMBIENTAL COMO UMA PROPOSTA TRANSDISCIPLINAR NA PROMOÇÃO DA SUSTENTABILIDADE

Ana Caroliny Araujo dos Santos
Chrislayne Cavalcanti de Oliveira
Crislayne Karolyne Teixeira de Lira
Gabrielle Natally Rodrigues Teixeira
Ially Barbosa dos Santos
Isabela Micheline da Silva
Marília de Oliveira Freitas
Natanael José dos Santos Moura
Rosilene Maria da Silva Santos

INTRODUÇÃO

A preocupação às questões ambientais vem ganhando notoriedade, uma vez que o comportamento humano, direcionado ao meio ambiente, está ocasionando impactos ambientais e consequências para toda a humanidade. (NASCIMENTO, 2012).

Em meio a essa ascensão e crescente destaque dos resultados aos quais os seres humanos afetam não apenas a si mesmos, mas também ao contexto ambiental, isto é, ao ecossistema, que carrega consigo o composto interacional e dinâmico dos integrantes que habitam e interagem com o

ambiente, surge a proposta transdisciplinar, unificando a Educação Ambiental como uma maneira de promover a sustentabilidade e a Psicologia Ambiental que junto à Educação Ambiental constrói e propõe possibilidades de mudanças comportamentais e atitudes éticas que direcionem a conservação do meio ambiente. (HIGUCHI; KUHNEN; PATO, 2019).

Com um único objetivo em comum, ou seja, a promoção da sustentabilidade, ofertando um cenário ambiental acoplado por todos, numa união em busca da preservação dos recursos naturais, bem como o respeito mútuo de conservar o meio ambiente para que exista em condições utilizáveis para as próximas gerações, a Educação Ambiental e a Psicologia Ambiental são precursoras e integralizam a proposta transdisciplinar, com a finalidade de direcionar seus conhecimentos aos aspectos psico-socioambientais que permeiam as discussões sobre sujeito-ambiente.

MÉTODOS

O presente resumo incorpora a revisão de literatura bibliográfica sistemática, que segundo (CONFORTO; AMARAL; SILVA, 2011, p. 1) “[...] é um método científico para busca e análise de artigos de uma determinada área da ciência. É amplamente utilizada em pesquisas na medicina, psicologia e ciências sociais, onde há grandes massas de dados e fontes de informações”. Concernindo a uma análise de caráter qualitativo, abordado com as bases de

dados eletrônicos: Google Acadêmico, Scielo e Pepsic, assim como empregue a complementação do site do INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira) e de um livro acadêmico.

O mesmo foi respaldado numa pesquisa composta por artigos científicos, por meio das bases de dados eletrônicos, através dos descritores: Psicologia Ambiental; Educação Ambiental; Transdisciplinaridade; Sustentabilidade, bem como utilizados os materiais decorrentes ao idioma da Língua Portuguesa (Brasil) entre o período de 2003 a 2018.

Diante de todos os resultados encontrados a partir dos descritores pesquisados nas bases de dados eletrônicos, ao final do resumo foram utilizados apenas 4 (quatro) artigos, sendo considerados como critérios de inclusão os estudos que trabalham com a Educação Ambiental, a Psicologia Ambiental e a relação psico-socioambiental, além de temáticas a respeito da transdisciplinaridade e sustentabilidade ambiental.

Denotam-se como critérios de exclusão os estudos que fomentam uma proposta divergente ao que se inclui no assunto abordado neste resumo, tal como abordagens que não desenvolvam sobre a relação sujeito-ambiente numa perspectiva transdisciplinar e erudições que competem a qualquer outro idioma que não seja o Português (Brasil).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com o que foi explanado, entende-se que na Psicologia Ambiental existe a problemática ambiental diante dos comportamentos da humanidade, também como um diálogo transdisciplinar entre a própria Psicologia Ambiental e a Educação Ambiental. De acordo com (KRUSE, 2005, p. 45) “Cabe aos psicólogos ambientais realizar e operacionalizar mais e mais o slogan “pense globalmente, aja localmente” e assim proporcionar evidência para a relação fundamental entre os problemas ambientais globais e as ações locais e regionais.”

Conforme foi apresentado, a construção da convivência sustentável entre as sociedades humanas, e o planeta terra é o principal desafio da Educação Ambiental. “O sistema de gestão ambiental é um conjunto de procedimentos que visa organizar, controlar e diminuir os impactos gerados no meio ambiente, fundamentando-se no cumprimento das legislações ambientais vigentes e na melhoria do desempenho ambiental”. (TAVARES; SOUSA; SANTOS, 2018, p. 2-3).

Com esse mesmo propósito vem sendo desenvolvidas tecnologias limpas e tecnologias sociais que visam contribuir com a efetividade dessa missão. Para Jacobi (2003, p. 191) “A preocupação com o desenvolvimento sustentável representa a possibilidade de garantir mudanças sociopolíticas que

não comprometam os sistemas ecológicos e sociais que sustentam as comunidades.” Com isso, vale ressaltar que a educação ambiental assume um papel de uma mudança transformadora na qual a responsabilidade da sociedade torna-se um objetivo essencial para promover um desenvolvimento ambiental.

Segundo (NASCIMENTO, 2012, p. 57) “A percepção – difundida, mas longe de ser comprovada – de que estamos ameaçados como espécie atribui uma relevância ímpar à ideia do desenvolvimento sustentável.” Neste sentido, portanto, para o presente trabalho foram utilizados materiais com foco na abordagem psico-socioambiental, a fim de uma contribuição nas discussões transdisciplinares entre a Psicologia Ambiental e a Educação Ambiental em prol da promoção à sustentabilidade ambiental.

CONCLUSÃO

A principal intenção da Educação Ambiental é propiciar sustentabilidade, enquanto que a Psicologia Ambiental tem como propósito oferecer respostas aos problemas ambientais e aumentar o conhecimento sobre elas. Sendo assim, as duas perspectivas se juntam, abarcando as concepções psicossociais relacionadas, a fim de acrescentar rudimentos que proporcionam possibilidades de intervenções através de ações e diálogos transdisciplinares.

A transdisciplinaridade busca atuar na compreensão dos fenômenos e na aquisição de alicerces de maneira holística e contextualizada, visto que o conhecimento adquire uma característica transversal, atravessando todas as disciplinas, implementando diversos pontos de vista, que desenvolve uma consciência ética e responsável, com a finalidade de promover a sustentabilidade, ou seja, o desenvolvimento ambiental, bem como a conservação e a preservação deste para o futuro.

O comportamento do ser humano, sem qualquer responsabilidade com o meio ambiente, tem cada vez mais prejudicado o mesmo. O avanço da tecnologia é um exemplo dos fatores aos quais estão esgotando os recursos naturais. Assim sendo, portanto, fazem-se necessárias novas crenças e, principalmente, novos comportamentos, com o intuito de que o ambiente não seja ainda mais danificado. Com uma nova conduta do ser humano, os recursos naturais podem ser mais reutilizáveis, possibilitando uma melhor qualidade de vida às próximas gerações.

REFERÊNCIAS

CONFORTO, E. C.; AMARAL, D. C.; SILVA, S. L. Roteiro para revisão bibliográfica sistemática: aplicação no desenvolvimento de produtos e gerenciamento de projetos. **8º Congresso Brasileiro de Gestão de Desenvolvimento de Produto (CBGDP)**, Porto Alegre, set. de 2011. Disponível em:

<https://www.researchgate.net/profile/Edivandro-Conforto/publication/267380020_Roteiro_para_Revisao_Bibliografica_Sistematica_Aplicacao_no_Developmento_de_Produtos_e_Gerenciamento_de_Projetos/links/585c18ef08aebf17d386967e/Roteiro-para-Revisao-Bibliografica-Sistematica-Aplicacao-no-Desenvolvimento-de-Produtos-e-Gerenciamento-de-Projetos.pdf>. Acesso em 10 de out. de 2021.

HIGUCHI, M. I. G.; KUHLEN, A.; PATO, C. **Psicologia Ambiental em Contextos urbanos**. 1. Ed. Florianópolis, Edições do Bosque, 2019.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). Censo Escolar, Brasília, 04 de jul. de 2002. Disponível em: <http://inep.gov.br/artigo/-/asset_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/mais-de-70-dos-alunos-do-ensino-fundamental-tem-educac/21206>. Acesso em 10 de out. de 2021.

JACOBI, P. Educação ambiental, cidadania e sustentabilidade. **Cadernos de Pesquisa**, n. 118, p. 189-206, mar. de 2003. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/cp/a/kJbkFbyJtmCrfTmfHxktgnt/?lang=pt#>>. Acesso em: 08 de out. de 2021.

KRUSE, Lenelis. Compreendendo o ambiente em Psicologia Ambiental. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 16, n. 1-2, p. 41-46, 2005. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&id=S1678-51772005000100006>. Acesso em: 10 de out. de 2021.

NASCIMENTO, E. P. Trajetória da sustentabilidade: do ambiente ao social, do social ao econômico. **Estudos Avançados**, v. 26, n. 74, p. 51-64, 2012. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ea/a/yJnRYLWXSwyxqggqDWy8gct/?lang=pt#>>. Acesso em: 08 de out. de 2021.

TAVARES, F. B. R.; SOUSA, F. C. F.; SANTOS, V. E. S. A educação ambiental com perspectiva transdisciplinar no contexto da legislação brasileira. **Research, Society and Development**, v. 7, n. 12, p. 01-22, 2018. Disponível em: <<https://www.rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/478/349>>. Acesso em: 10 de out. de 2021.



RELAÇÕES ENTRE COMPORTAMENTO HUMANO E AMBIÊNCIA: UMA REFLEXÃO COM BASE NA PSICOLOGIA AMBIENTAL

Érica Vanessa Torres da Silva

Israely Moreira da Silva

Juliana Karol da Silva

Lucas Antônio Santos da Silva

Maria Eduarda Silva dos Santos

Mickaelle Aquino da Silva

Noelly Fernandes Ribeiro

Nazaré Leandra Florêncio

Robélia Daniella França Menezes da Silva

Rubielly Galdino da Silva

Sheyma Itallene

Paula Fernanda Oliveira Da Silva

Wandson Lucas Torres Amorim

INTRODUÇÃO

Os diversos aspectos culturais e sociais estão sempre presentes na designação de ambiente, a partir da percepção dos indivíduos e nos significados que são dados a partir de atitudes tomadas frente ao ambiente. Cada pessoa compreende, avalia e tem comportamentos singulares em relação ao seu ambiente, seja ele físico ou até mesmo social. Desta forma, essa constante relação mostra o quanto é

importante estudarmos os efeitos dessa ambiência nos diversos comportamentos humanos, visto que existe uma reciprocidade entre ambiente e indivíduos. Esta relação é dinâmica, ou seja, está em constante movimento pois assim como o homem modifica seu ambiente, o ambiente também o afeta e o influencia.

A psicologia ambiental se propõe a analisar assim como avaliar essa relação que existe e apreender as diversas especificidades da área. Partindo deste pressuposto, o artigo estudado se propõe e teve como objetivo refletir sobre essas diversas conexões estabelecidas a partir do olhar da Psicologia ambiental e de vários autores mencionados ao decorrer do texto, pois é um campo interdisciplinar direcionado para o estudo dessa área especificamente.

Partindo dessa premissa, o artigo foi elaborado em seções. As três primeiras foram relacionados aos conceitos de percepção ambiental e comportamento socioespacial humano – este último, apresenta concepções de polêmica, territorialidade, aglomeração, privacidade e apropriação. Seguidamente foi realizado uma sucinta reflexão sobre a questão simbólica e afetiva da relação entre pessoa e ambiente, um item designado a mostrar alguns exemplos de pesquisas na área dessas relações, que não foram elaborados com base no conceito de ambiência, mas que podem ser percebidos a partir dele, de forma a apontar diversas possibilidades de integração entre essas duas áreas

do conhecimento em razão de sua complementaridade.

MÉTODOS

Inicialmente foi realizada uma revisão bibliográfica a fim de encontrar pressupostos que embasassem este artigo. Foi desenvolvido em seis seções onde as três primeiras se relacionam aos conceitos citados a pouco na introdução, após isso uma breve reflexão sobre a simbologia e a afetividade na relação entre pessoa e ambiente, um outro item aborda alguns exemplos de pesquisas na área de relação pessoa-ambiente que não foram construídos a partir desses conceitos, mas que podem ser lidos e interpretados com base neles.

A pesquisa a pouco citada, foi realizada pelo grupo Interações Pessoa-Ambiente da UFRN, onde acompanharam o processo de adaptação de expedicionários que foram ao Atol das Rocas (enviados pelo IBAMA-RN) e o Penedos de São Pedro e São Paulo (Programa Arquipélago, do Ministério da Marinha, Brasil), e lá permaneceram por 20 a 30 dias. Outra pesquisa foi uma análise da imagem socioambiental da Escola Agrícola de Jundiá-RN. Outras duas pesquisas foram uma discussão sobre vivência ambiental de pessoas com deficiência e as possibilidades que o meio ofereciam às suas necessidades. Outros exemplos, uma análise da ambiência de hospitais (modo de atendimento,

estrutura física); análise da percepção de alguns frequentadores da Praça André de Albuquerque-RN. Outro estudo se relaciona a análise da imagem socioambiental de setores urbanos, onde usaram de métodos como desenhos e textos para facilitar a descrição do ambiente pelos participantes.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Buscou-se uma reflexão sobre as possíveis interfaces entre o comportamento humano e a ambiência a partir da perspectiva oferecida pela psicologia ambiental, campo interdisciplinar voltado para o estudo das relações bidirecionais pessoa-ambiente. Em que cada setor do ambiente oferece uma gama de variáveis que influenciam o comportamento humano, como aspectos de iluminação, temperatura, ruídos e arborização. Também variáveis subjetivas como a sensação de aglomeração e acolhimento, as condições de apropriação e o clima social. Essas dimensões do lugar, correspondem à sua ambiência influenciando as percepções das pessoas que o experenciam e, a partir de suas próprias características individuais (gênero, idade, história de vida, condições físicas, entre outros.) o interpretam e reinterpretem continuamente.

Foi possível identificar na pesquisa uma dificuldade no que se refere ao estudo da ambiência em que os pesquisadores se aproximem de diferentes

áreas do conhecimento, desde antropologia e sociologia, até arquitetura, urbanismo e design. Nesse sentido, a perspectiva ecológica e centrada na percepção humana proporcionada pela psicologia ambiental pode vir a contribuir com as pesquisas a realizar, sobretudo a partir de sua base conceitual, métodos e técnicas voltados para a compreensão dos comportamentos potencialmente associáveis aos diversos tipos de ambiência.

CONCLUSÃO

Portanto, presente trabalho realizado através de uma leitura bibliográfica do artigo: Relações entre comportamento humano e ambiência: uma reflexão com base na psicologia ambiental, apontou -se a necessidade dentro da Psicologia Ambiental utilizar-se das mais diversas áreas do conhecimento, sobretudo, a partir de conceitos e métodos voltados para a compreensão da relação bidirecional entre pessoa e ambiente, observando e analisando a potencialidade entre os comportamentos e o ambiente onde ele ocorre. Mostrou-se também a necessidade de aprofundamento no tema ainda embrionário, e a importância no desenvolvimento de métodos e técnicas interdisciplinares, investindo assim, em atividades teórico-metodológica acompanhadas por atividades ligadas a intervenção espacial, sendo produto de estudo para a comunidade que vivenciam o local com fatores

visíveis e invisíveis e seus comportamentos nesse ambiente.

REFERÊNCIAS

ELALI, G. A. **Relações entre comportamento humano e ambiência: uma reflexão com base na Psicologia Ambiental**. UFRN (1998). Disponível em: <<https://0602.nccdn.net/000/000/04e/cb0/Artigo-GLEICE-ELALI-FULL.pdf>>. Acessado em: 16 de out. 2021.

Cavalcante, S.; Elali, G. A. **Psicologia ambiental: conceitos para a leitura da relação pessoa-ambiente**. Petrópolis: Vozes, 2018.



**A DIMENSÃO EDUCATIVA DO PÁTIO ESCOLAR:
CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA AMBIENTAL**

Camila Nayana Caetano da Silva
Cássia Tamires Cabral
Douglas de França Silva
Isabela Cristina da Silva
Kamilla Krislayne
Luana Caroline Ferreira Souto
Maria Letícia Bezerra Silva
Mylena July Almeida do Nascimento
Natália Maria Silva
Paula Daniely Nery de Menezes
Sheyla Fernandes Matias da Silva
Yasmin Anete Peixoto de Andrade

INTRODUÇÃO

Na escola, o pátio escolar é um lugar voltado para recreação das crianças, nele, elas se divertem com o objetivo de descansar das atividades pedagógicas realizadas na sala de aula. Esses dois ambientes, sala de aula e pátio escolar, se divergem em alguns aspectos. Para o autor, se divergem porque a sala de aula se constitui de elementos como o controle, o "padrão coletivo" dos modos de comportar-se. Já no pátio, existem diversos meios de aprendizagem e desenvolvimento, tanto em aspectos

cognitivos quanto sociais e, o mais interessante, de maneira livre e lúdica.

Diante disso, o texto aponta que ainda assim, o pátio tem recebido pouca atenção por parte dos membros educadores, considerando a organização dos espaços. Entretanto, diversas áreas de pesquisa, como a arquitetura, psicologia ambiental e da educação, têm se atentado a orientar sobre a importância desse ambiente externo no processo de aprendizagem individual e coletiva.

Vygotsky partilha desta ideia quando fala sobre a relação desse meio ambiente no processo de construção do sentido sobre as experiências vivenciadas, permitindo então, o desenvolvimento e aprendizagem. Ele pontua que o ambiente e a criança foram uma unidade individual, onde ambos se modificam ao longo do desenvolvimento, possibilitando várias experiências sob um mesmo ambiente. Neste sentido, Gonçalves e Flores (2011), em seus estudos com alunos, identificaram cinco categorias oferecidas pelas áreas livres: Contato social, Brincar e jogar, motricidade e sentidos, Funções Pedagógicas do Pátio e por fim, função Ambiental do pátio escolar. Diante disso, é possível concluir que o pátio, possui potencialidades no espaço de aquisição do desenvolvimento, das práticas pedagógicas e ainda, aspectos cognitivos. Esse ambiente é considerado um "terceiro educador".

METODOLOGIA

O trabalho utilizou-se de método qualitativo, adotando vídeo gravações de 15 minutos para coleta de dados. O presente texto reflete como as crianças de uma escola pública em Juiz de Fora, Minas Gerais, se apropriava do pátio escolar no momento do recreio, considerando a precariedade do ambiente, os vídeos foram de brincadeiras e interações de crianças do 2º e 3º ano.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados foram divididos em três categorias. A primeira categoria está relacionada a estrutura espacial, pôde-se perceber que os professores não deixavam os alunos explorarem os espaços por inteiro e com isso acabava interferindo na relação da criança com o ambiente. Também, observou-se que na hora do recreio as crianças ficam perto do professor, demonstrando uma relação diferente, mais democrática e respeitosa.

A segunda categoria chamada de disciplina dos corpos, trata sobre o espaços, como a arquitetura da escola pode demonstrar uma relação de poder, como também, um caráter disciplinador, dificultando assim a movimentação das crianças. A terceira categoria se refere à apropriação dos espaços, em que as crianças se apropriam da realidade para produzir sentido, isso acontece por meio das

brincadeiras. Nas brincadeiras os alunos podem ressignificar os espaços através da criatividade, além disso, a brincadeira irá permitir a aprendizagem, o desenvolvimento social, emocional, cognitivo e motor. O texto ainda destaca a importância de recursos materiais variados para que elas explorem mais. Concluindo, o pátio precisa ser considerado pela gestão escolar um ambiente pedagógico também.

Este artigo problematiza a visão reducionista e dicotômica em relação ao pátio escolar, buscou discutir motos de expansão das possibilidades pedagógicas que este ambiente é capaz de oferecer as crianças. O estudo permitiu compreender e conhecer algumas formas de apropriação do pátio escolar por crianças de 8 e 9 anos de idade.

CONCLUSÃO

O presente texto nos fala sobre a dimensão educativa no pátio escolar, em que explica que a sala de aula é um espaço que fica dentro e o pátio escolar como um espaço que fica fora. Além disso, vem refletir sobre a importância pedagógica do pátio, pois ele também gera aprendizagem, assim como na sala de aula, nesse sentido, o texto faz uma crítica sobre a falta de valorização desse espaço por parte dos educadores. No pátio escolar, a criança se relaciona com o ambiente, trazendo aprendizagem e contribuindo assim para o seu desenvolvimento, bem como, Vigotski reforça a necessidade da interação

social, pois no pátio a criança tem a possibilidade de interagir com seus colegas e com o professor.

Os autores nos apresentam cinco categorias que podemos observar quando o aluno está no pátio, a primeira categoria está relacionado ao contato social e a interação entre os indivíduos, a segunda categoria diferencia o brincar do jogar, a terceira categoria envolve a motoricidade e os sentidos, por meio do exercício, contribuindo assim para o desenvolvimento físico, a quarta categoria diz respeito às funções pedagógicas, com aulas na área externa e a última categoria trata sobre a função ambiental e a contribuição de ambientes com área verde. Em suma, o pátio escolar contribui para o desenvolvimento social, emocional, cognitivo e motor, além de poder ser utilizado como um ambiente pedagógico.

REFERÊNCIAS

MOREIRA, Ana Rosa Costa Picanço; FERREIRA, Jéssica Aparecida. **A dimensão educativa do pátio escolar: contribuição da psicologia ambiental.**

Edições do Bosque, Florianópolis, 2019.

Cavalcante, S.; Elali, G. A. **Psicologia ambiental: conceitos para a leitura da relação pessoa-ambiente.** Petrópolis: Vozes, 2018.



AMBIENTE PARA CRIANÇAS PEQUENAS

Aline da Silva Cavalcanti
Ana Livia Pereira de Luna Barros
Ana Luíza Galvão Maciel
Jaciera Morgana da Silva
José Jadson Bezerra
Kadja Suélly Valença da Silva
Luís Eduardo dos Santos Silva
Maria Edinailza da Silva
Maria Gilvânia Barbosa
Maria Paula de Lima
Maria Sophia Oliveira de Azevedo
Thaciana Cleonice dos Santos

INTRODUÇÃO

O ambiente é caracterizado como um espaço que tem um papel fundamental no desenvolvimento do ser humano, seu propósito é desenvolver uma interação segura que contribui para o desenvolvimento infantil. Visto que é no ambiente que a criança aprende a desenvolver autonomia e autoconfiança, conseqüentemente consegue também adquirir autoestima e independência, o ambiente é um meio de estímulo onde a criança aprimora sua identidade pessoal e fortalece seu vínculo social (CARVALHO e ELALI, 2019).

Vale ressaltar o quão é importante observar as características do ambiente, essa é uma das formas de proporcionar qualidade de vida e um espaço seguro para criança. O local precisa ser acolhedor e promover conforto, isso fará com que a criança desenvolva com mais facilidade suas competências (CARVALHO e ELALI, 2019).

Vale também salientar que o texto visa esses espaços como ambientes com grande potencialidade, que tem o intuito de promover uma interação social e fortalecer o trabalho em grupo (CARVALHO e ELALI, 2019).

Diante disso, também pode ser levado em consideração o quanto o ambiente pode favorecer no desenvolvimento da criança, até mesmo no ambiente em que se brinca. No que se refere ao arranjo espacial, especialistas acreditam que a depender dos brinquedos e da posição de determinados objetos, influenciam para que as crianças possam interagir mais umas com as outras, tornar-se mais independentes com relação aos cuidadores, além de excluir bem menos outros colegas (GASPARETTO et al., 2019).

Em vista que existe o conceito de docilidade ambiental, podemos classificá-lo como peça chave fundamental para a proporcionar a segurança dos ambientes. Sendo assim, podemos afirmar que um ambiente dócil é aquele que possibilita que cada indivíduo atue em sua zona de desempenho, ajudando-o a potencializar a prática de suas

capacidades físicas. Além disso, a docilidade ambiental pode contribuir tanto com as habilidades quanto com o ambiente em si, condições psicossociais e físicas presentes. O que abrange desde as redes sociais de apoio à pessoa, até o tipo de manutenção da calçada que a mesma necessita utilizar, como é o caso dos idosos.

Estes ambientes também podem se modificar para outras fases da vida, elas citam os playgrounds como exemplo de ambientes dóceis para a sociabilidade e a formação das redes sociais de apoio para crianças. Já que os brinquedos e o local em si podem facilitar ou inibir essa sociabilização. Ademais, é de nosso conhecimento que o ambiente em que as crianças brincam influencia diretamente no modo como as mesmas agem entre si (CARVALHO e ELALI, 2019).

É fácil perceber que crianças de diferentes idades podem usar o equipamento do playground de maneiras diferentes para competir com a disponibilidade percebida. A Teoria da disponibilidade fala sobre as coisas que os objetos ou o meio ambiente comunicam naturalmente com os organismos que os observam, independentemente dessas qualidades serem objetivas ou subjetivas. A disponibilidade de detecção biológica pode ser transformada em possibilidade de ação começou a influenciar o show que ali acontecia (CARVALHO e ELALI,2019)

Observou-se também que não apenas brinquedos e os equipamentos precisam ser dóceis, mas envolvendo também aspectos sociais como: (aceitar e acolher a presença de crianças, segurança pessoal, etc.) e aspectos físicos como: (temperatura, proteção contra luz, chuva ou vento forte, umidade, ausência de ruído, poluição do ar ou do lixo, etc.) (CARVALHO e ELALI, 2019).

METODOLOGIA

Como principal fonte de pesquisa para o desenvolvimento deste trabalho, foi utilizado o livro *Psicologia Ambiental em Contextos Urbanos*, mais especificamente o Capítulo 3, onde vem abordando o tema central da pesquisa.

O material utilizado serviu para dar um embasamento teórico a respeito do ambiente para crianças pequenas, além de trazer uma melhor compreensão da influência que existe no meio para com as mesmas, podendo trazer uma reflexão maior ao seu respeito.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A organização do espaço para crianças pequenas contribui para que as mesmas possam se desenvolver, além de desenvolver novas habilidades, sejam motoras ou de socialização, onde abre um leque maior para que a criança possa integrar a outra

em determinada brincadeira, ajudando a pensar em estratégias para a resolução de determinada atividade.

As atividades que são desenvolvidas nesses espaços, são de extrema importância para que a criança desenvolva sua autonomia, podendo ela mesma construir seu conhecimento.

Também vale ressaltar que o educador tem o objetivo de proporcionar à criança um espaço rico de materiais no qual a mesma possa interagir e criar, podendo também incentivar as mesmas a pensar e criar estratégias para brincadeiras junto com outras, além de auxiliar nas atividades no qual a criança sentir dificuldade, buscando a melhor forma da mesma desenvolver sua própria autonomia

CONCLUSÃO

Logo, entende-se essa idade de 2-3 anos, como sendo um marco de novas habilidades, aprendizagens, autoconhecimento e autonomia. Em que os pais, cuidadores e o ambiente têm papel fundamental nessa fase, tanto na necessidade de uma maior segurança para essas crianças quanto para o estímulo do desenvolvimento dessas novas habilidades e desafios que começam a surgir. O que está relacionado com a sua docilidade ambiental e seu arranjo espacial.

REFERÊNCIAS

Cavalcante, S.; Elali, G. A. **Psicologia ambiental: conceitos para a leitura da relação pessoa-ambiente**. Petrópolis: Vozes, 2018.

GASPARETTO, Maria I. H. KUHNEN, Ariane. **Psicologia Ambiental em Contextos Urbanos: ambiente para crianças pequenas**. Edições do bosque Sociedade e Meio Ambiente, Florianópolis 2019.



RELAÇÕES DE BEM ESTAR E ESTRESSE NO AMBIENTE HOSPITALAR

Athayse Emylle Ferreira de Freitas
Átla Martins Cavalcanti
Débora Leite de Oliveira
Elaine de Oliveira Lima
Jéssica Lima de Lucena
José Esequias Celestino Silva
Josefa Ilaine Melo Silva
Josemar Freitas de Souza
Karine Bezerra da Silva
Larissa Rayane do Nascimento
Maria Aparecida de Menezes
Romário Torres da Silva
Sheymes Lira da Silva
Stephanie Karine Ferreira Machado
Vannessa Galindo da Silva

INTRODUÇÃO

Os ambientes tem a capacidade de influenciar comportamentos e respostas psicológicas, podendo ser promotores de saúde e bem-estar ou fontes de estresse, comprometendo a qualidade de vida das pessoas. Os espaços hospitalares por exemplo, reúnem em si um conjunto de potenciais estressores, como a dor, a perda da noção de tempo, e controle

sobre a própria vida e o afastamento de casa e da família. O estresse pode ser definido como um conjunto de reações a eventos, situações ou ambientes percebidos pelo indivíduo como ameaçadores. As respostas aos estressores são psicofisiológicas e estão inter-relacionadas.

O estresse psicológico causa reações afetivas, caracterizadas pelos sentimentos de raiva, medo, ansiedade e tristeza, reações cognitivas, que são todas as avaliações que o sujeito elabora em torno da situação estressora, e reações comportamentais, como atitudes e ações de evitação, bem como o uso de álcool e outros entorpecentes. O estresse fisiológico causa reações no Sistema Nervoso Central (SNC), no Sistema Nervoso Autônomo (SNA) e no Sistema Endócrino responsáveis pelo aumento da tensão muscular, da frequência cardíaca, da pressão sanguínea, da atividade respiratória e das glândulas sudoríparas e excretoras de hormônio do estresse, como o cortisol.

Essa mobilização mantém o indivíduo em alerta e o leva a lidar com o estressor, porém, a longo prazo, acarreta fadiga e pode, de forma contínua, trazer prejuízos a saúde, temporários ou mesmo crônicos, como o declínio do desempenho cognitivo, pressão sanguínea alta permanente devido ao estresse crônico e prejuízo do funcionamento do sistema imunológico em função de elevados níveis de hormônios do estresse e excitação do SNC.

Os ambientes restauradores atuam a partir da desmobilização dos estados afetivos, cognitivos e comportamentais diante do evento estressor. A partir da moderação excitatória atua na mobilização psicofisiológica proveniente do estresse, favorecendo melhorias no desempenho cognitivo e na capacidade atencional anteriormente afetados.

Nesse sentido o ambiente age a fim de permitir ou promover a restauração. Destaca-se que os ambientes físicos, como por exemplo as instituições possuem um papel passivo na restauração. Enquanto os ambientes naturais, de acordo com a Teoria Psicoevolucionista, agem de acordo com a percepção visual contribuindo para eficácia da restauração. A função adaptativa do ser humano devido suas reações biológicas imediatas propiciam uma maior flexibilidade na restauração do ambiente natural.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo de caráter descritivo efetuado por meio de uma revisão sistemática de literatura, investigação e revisão bibliográfica de dados quantitativos e qualitativos, usando um livro como o principal referencial teórico e alguns artigos como auxiliares.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As pesquisas demonstraram enormes ligações entre as questões de arquitetura e ambientais com as questões psicológicas de bem estar e saúde. Os ambientes, seja em qualquer contexto, tem um enorme potencial de impactar positiva ou negativamente as questões emocionais e comportamentais das pessoas que ali estão. Os hospitais são lugares potencialmente estressores e até assustadores para muitas pessoas por remeter a elas sensações e aspectos ligados à finitude da vida e a sua imprevisibilidade. Tudo isso pode desencadear enormes proporções de estresse emocional. De acordo com Ulrich et al. (1991), citado por Higuchi et al. (2019, p.118), o estresse pode se definir como um conjunto de reações a eventos, situações ou ambientes vistos pelo indivíduo como uma ameaça que desafia o seu bem estar. Pensando nisso as características envolvidas desde a sua criação até os aspectos básicos da arquitetura e engenharia do local são pensadas de forma minuciosa para promover um ambiente redutor de estresse, baseando-se em teorias psicológicas embasadas em aspectos evolucionistas, cognitivos e sociais.

O objetivo disso tudo é que por meio da união de aspectos teóricos da Psicologia Ambiental, Hospitalar e do Design Baseado em Evidências se construa o melhor ambiente possível para

potencializar a sensação de bem estar e acolhimento entre os usuários, frequentadores e funcionários da instituição hospitalar, reduzindo assim os níveis físicos, psicológicos e psicofisiológicos das reações de estresse. Nesse sentido também entra em jogo a teoria psiconevrosista, criada por Roger Ulrich.

De acordo com Gressler e Günther (2003, p. 3), experienciar ambientes físicos esteticamente prazerosos ajudam a reduzir o estresse já que causam emoções positivas, trazendo de volta a excitação fisiológica para níveis moderados. Exergar características agradáveis no ambiente em questão causaria o bem estar e ativaria o processo de restauração do estresse aos níveis saudáveis. Ainda que os ambientes físicos aos quais ele se referia não fossem necessariamente arquitetônicos, mas sim naturais, o aperfeiçoamento das suas teorias trouxe mais fatos importantes, como a Teoria do Design de Suporte.

De acordo com Ulrich (1991), citado por Higuchi et al. (2019, p.123): "um ambiente será de suporte se favorecer (a) a percepção de controle pessoal sobre o ambiente físico e social do hospital; (b) o acesso ao suporte social; (c) o acesso a distrações positivas e à eliminação de quaisquer fontes de distração negativa. Nesse sentido se expande o conhecimento e a visão sobre o bem estar e a qualidade de vida na área hospitalar na medida em que se compreende a importância da valorização dessas teorias na formulação desses espaços.

Segundo Higuchi et al. (2019, p. 123-124):

Por controle pessoal, Ulrich faz referência à possibilidade de gerenciar fatores ambientais, atuar livremente sobre aspectos do ambiente a fim de adequá-los às necessidades pessoais. É a manifestação do poder de intervenção do usuário sobre o meio. Entre os fatores que podem favorecer a percepção de controle em um hospital estão: temperatura e luz ajustáveis pelo usuário ;possibilidade de escolher a programação de TV e regular as interações sociais na direção de maior contato social ou de maior privacidade [...].

Dessa forma se evidencia como os aspectos positivos se fazem presentes não só por meio das questões arquitetônicas e inerentes ao ambiente, mas também por meio das distrações de acessórios periféricos como a televisão e também das possibilidades da escolha ou não da interação com pessoas do interesse do paciente ou da sua família, possibilitando uma saudável restauração do estresse.

Estudos em hospital psiquiátrico e em manicômios

A prática e a vivência disso ficaram claras quando foram realizados vários estudos em algumas instituições em contextos diferentes, como manicômios e prisões, demonstrando a ligação entre

bem estar, arquitetura hospitalar e processos de estresse. Após colher dados sobre o investimento no projeto físico no lugar por parte da instituição em questão, somou-se isso à fotografias do ambiente e entrevistas com os funcionários das mais diversas esferas da instituição de custódia em questão.

Os participantes trouxeram que nos locais presentes dentro da instituição era possível se sentirem muito bem em lugares mais abertos, lugares onde podiam interagir e lugares onde podiam descansar, sendo esses no quesito favorecedores de bem estar. Além disso, no quesito identidade de um ambiente restaurador foi percebido um desejo de todos pela reestruturação do lugar, objetivando mais espaço para incluir a família dos enfermos, a comunidade e também para aproximar a natureza da prática das atividades de laser.

No entanto, foi possível identificar também sobre esses mesmos locais um certo grau de insatisfação devido a presença de grades, cores escuras e a restrição de acesso, tudo relatado por meios dos funcionários que há anos ali trabalhavam.

Ao mesmo tempo, sobre o aspecto do bem estar psicológico, foi compartilhado que há uma necessidade de melhora no processo de internação e cuidado do paciente em sofrimento psíquico, objetivando fugir do estigma de desprezo que se cria desse tipo de instituição das mais diversas formas. Por fim, fica nítido que as estruturas ambientais, arquitetônicas e estéticas têm um papel inestimável

no quesito bem estar e influência de comportamentos. A própria sensação de pertencimento vivenciada em um lugar com um aspecto aprisionante e acinzentado sabotam em muito as possibilidades de melhoria de qualquer enfermo.

Estudo em Hospital Pediátrico

Já em um outro estudo realizado em um espaço hospitalar pediátrico sobre a restauração afetiva do estresse foi constatado que o ambiente hospitalar tem um enorme poder de impactar positiva ou negativamente nas pessoas ali presentes a depender das sensações que causam. Afetos de valor positivo originados pelo ambiente físico hospitalar promovem a recuperação de recursos psicológicos e fisiológicos modificados pelo estresse. Com a proposta inicial de descobrir quais os atributos físicos de quartos de internação pediátrico comunicam aos pacientes mensagens ambientais relacionadas à restauração afetiva do estresse.

Essa pesquisa e estudo foram feitos na Itália e os resultados apontam que os aspectos físicos do ambiente que estão intimamente ligados à restauração são: acesso visual e físico ao ambiente exterior e natural e ar fresco; amplitude moderada; oportunidades para a privacidade; oportunidades para a interação social; acesso as tecnologias; quadros e ilustrações nas paredes; suporte às necessidades do acompanhador, presença de

brinquedos e áreas para jogos e atividades; conservação e ordem das instalações.

CONCLUSÃO

Os relatos aqui expostos remontam para a importância da valorização da Psicologia Ambiental nos mais variados contextos aos quais ela se faz presente, bem como da extrema importância de compreender o quanto a comprovação empírica e palpável desses estudos se faz presente nas mais variadas instituições hospitalares ao longo do mundo. A divulgação acerca desse tema não só para os estudiosos e profissionais da área da saúde, mas também a todos em geral é de extrema importância, desde que haja sempre um norte científico servindo como embasamento.

REFERÊNCIAS

Cavalcante, S.; Elali, G. A. **Psicologia ambiental: conceitos para a leitura da relação pessoa-ambiente**. Petrópolis: Vozes, 2018.

Gressler, Sandra Christina e Günther, Isolda de Araújo Ambientes restauradores: definição, histórico, abordagens e pesquisas. **Estudos de Psicologia**, v. 18, n. 3, p. 487-495. 2013.

Higuchi, Maria Inês Gasparetto. Psicologia Ambiental em Contextos Urbanos. 1ª Edição. Florianópolis. Edições do Bosque. 2019.



A NATUREZA: ESPAÇO DE DESENVOLVIMENTO, QUALIDADE DE VIDA E AFETIVIDADE

Evelyn Luisy Ferreira Longuinhos
Gabriel Nunes Miguel
Juan Vinícios Jurema Freire
Samara Camile de Oliveira Rodrigues
Ana Raquel Teixeira Silva
Maria Regina Araújo
Raabe Lins de Araujo
Mylenna Ester dos Santos Ribeiro

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como base o livro Psicologia “Ambiental e Contextos Urbanos”, por Maria Higuchi, Ariane Kuhnen e Claudia Pato, especificamente seu capítulo 9. Nele, temos como tema central perceber, compreender e estudar a interação pessoa-natureza. Assim como, também, as implicações dessa interação no desenvolvimento e na qualidade de vida humana, mediante três pesquisas da LAPAM-UFSC. Ao longo do desenvolvimento, serão abordados conceitos importantes como *affordance*, afetividade e lugar, qualidade de vida e sustentabilidade.

As pesquisas foram elaboradas mediante um contexto urbano e nos espaços verdes que nele

existem, como por exemplo, as praças, os parques e os bosques. O objetivo é abordar a interação pessoa-natureza, como ela pode se dar de diversas formas, como por meio de atividades físicas, contemplação, lazer ou extração de recursos. A sua importância se dá, em sua grande maioria, no destaque do desenvolvimento de interações sociais, autoestima, sentimento de pertencimento, etc. Essa interação é mediada pela percepção, afetividade, representação social do lugar ou pela compreensão que se tem da qualidade de vida no lugar.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada foi a de leitura crítica do texto base fornecido pelo corpo docente e o estudo de artigos científicos e estudos científicos sendo eles correlacionados com o texto base para atingir o objetivo do presente trabalho.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em relação ao espaço de desenvolvimento, levando em consideração a interação pessoa-natureza, vemos que ela tem relação direta com o desenvolvimento da comunidade, temos como contexto a pesquisa de Peres, realizada em 2013. Sua pesquisa foi focada no relacionamento das crianças com a natureza, sendo estes resultados da relação dos pais com tal ambiente e por suas

percepções. Com isso, foi possível perceber que a relação da natureza atuava como micro contexto de desenvolvimento, no qual os atributos dos seus elementos atenderiam aos interesses dos filhos, pela identificação de affordances. O termo, utilizado pelo psicólogo James Gibson, visa comunicar funcionalidades aos organismos em geral como, por exemplo, objetos e lugares.

Com isso, além de se chegar ao resultado sobre como os lugares percebidos pelos pais promovem a socialização de crianças com adultos, também é levantada a discussão sobre repensar espaços recreativos com a inclusão de elementos da natureza.

Isso nos leva a relacionar esses espaços com a qualidade de vida, onde passamos a ter como contexto a pesquisa de Machado, em 2016. Sua pesquisa se centrou na qualidade de vida de uma comunidade açoriana, levando em consideração relações interpessoais banhadas pelo meio urbano, práticas sociais e recursos naturais.

Com isso, percebeu-se que os critérios utilizados se mostravam atrelados a um modo de vida que foi passado de geração a geração e que, devido ao constante desenvolvimento relacionado crescimento urbano e econômico privado, se evidenciou um impacto ambiental que futuramente se mostraria insustentável, indicando que os descendentes desta família não iriam possuir as mesmas condições ambientais e sociais para

satisfazerem suas necessidades nas próximas gerações.

Como resultado, o estudo mostrou a necessidade de importância e da dependência em relação aos recursos naturais e da manutenção de serviços ecossistêmicos e a de se criar relações sustentáveis com os espaços verdes de forma a contribuir com o bem estar do ser humano a longo prazo.

Em relação a afetividade, a última pesquisa da LAPAM, por Klen em 2016, tinha como objetivo o estudo da relação habitante-praça e analisar a forma com que esse ambiente afetava as interações sociais das pessoas que a frequentavam, no sentimento de pertencimento e na autoestima. Um ponto importante é ressaltar, fazendo uma ponte com o tópico anterior, é que a melhoria da qualidade de vida nas cidades tem sido vinculada à presença da natureza, mesmo que se trata de algo modificado pelo ser humano.

Já falando de Afeto, trata-se das relações constituídas com outros corpos e com o mundo e da forma como geram modificações nas capacidades para a ação e induz o pensamento a novas direções. A percepção visual é um ponto importante, afinal, a experiência que se tem em um espaço físico sobre as cores, texturas, iluminação, vegetação e afins participam conjuntamente na construção subjetiva que se tem dos lugares, estabelecendo uma relação entre o observador e o ambiente, assim como a subjetividade e a estética.

As experiências vividas pelos sujeitos geram diversos efeitos positivos, como o favorecimento da manutenção ou melhoria da qualidade da saúde mental, nas relações interpessoais, na diminuição do estresse, aumento do bem estar e propriedades restaurativas. E, além disso tudo, se cria o sentimento de pertencimento e identificação com os espaços através da relação afetiva do corpo, praça e natureza.

CONCLUSÃO

As relações com a natureza se modificaram em forma e intensidade, ao longo da história da humanidade, por exemplo, no início da humanidade, um caçador definia uma conexão forte e de dependência com a natureza, também podendo citar a relação dos povos indígenas com a terra, que não era apenas uma relação de sobrevivência, e sim de espiritualidade. Enquanto hoje, o homem por vezes se desconecta da natureza e a vê como algo exterior a ele, considerando a natureza como algo que pode ser controlado, subjugado e explorado.

Sendo assim é preciso falar sobre a necessidade de se compreender a relação do ser humano com a natureza, afinal, essa interdependência existe, indicando que a existência saudável de um depende da existência saudável do outro. Desse modo, é imprescindível que se conheça e compreenda que as diferentes necessidades humanas, sejam estas de natureza social, econômica

ou psicológica, estão implicadas na relação com os espaços verdes.

REFERÊNCIAS

BRITO, Fernanda. **Os espaços verdes públicos: Entre demanda e possibilidades efetivas.** [S. l.]: ArchDaily, 28 dez. 2012. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/01-89370/os-espacos-verdes-publicos-nil-entre-demanda-e-possibilidades-efetivas>. Acesso em: 21 set. 2021.

Cavalcante, S.; Elali, G. A. **Psicologia ambiental: conceitos para a leitura da relação pessoa-ambiente.** Petrópolis: Vozes, 2018.

KLEIN, Camila; PERES, Patrícia M. S.; MACHADO, Gilvana da S. A natureza: espaço de desenvolvimento, qualidade de vida e afetividade. In: HIGUCHI, Maria I. G.;

KUHNEN, Ariane; PATO, Claudia. **Psicologia Ambiental em Contextos Urbanos.** 1. ed. Florianópolis: Edições do bosque/CFH/UFSC, 2019. cap. 9, p. 178-191.

.



O PÁTIO ESCOLAR: OS DESAFIOS PARA A REINVENÇÃO DO PÁTIO ESCOLAR NO CONTEXTO PÓS-PANDEMIA COVID-19

Andréia Santos do Nascimento
Eva Lúcia da Silva Monteiro
Gustavo Silva Cireno
Larissa de Araújo Nunes
Paula Caroline Lins Rodrigues
Vitória Maria da Silva Muniz
Renatta Samyres Pereira Silva
Rayanne Maria Tavares Gomes

INTRODUÇÃO

O presente resumo foi construído a partir do capítulo 4 do livro *Psicologia Ambiental em Contextos Urbanos*, para apresentação de um trabalho em grupo na Disciplina Planejamento Ambiental em Instituições. A partir da leitura fomos desafiados a pensar sobre eventuais problemas trazidos pela ausência do pátio escolar durante a pandemia, bem como os desafios com a educação no pós-pandemia Covid-19. A história do Brasil está enviesada pela história da educação que inicia com a chegada dos Jesuítas, em 1549, para a catequização dos índios e para tal foram construídas “escolas”, improvisadas inicialmente, caracterizadas pela existência de pátios

METODOLOGIA

A metodologia utilizada foi pesquisa sobre artigos publicados na plataforma Google Acadêmico envolvendo os termos Pátio Escolar e a Pandemia, com estabelecimento temporal a partir do ano de 2020 e selecionados 03 artigos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Não dá para falar do pátio escolar como se ele não fizesse parte do aprendizado e desenvolvimento na construção do indivíduo. Como se fosse apenas uma recompensa a duras horas vivenciadas em sala de aula. Dessa forma, esse "pátio" não seria aproveitado da forma como deveria, e se perderia uma grande oportunidade na continuação do saber e criação de ótimas experiências no âmbito escolar.

Almeida (2016), em seu artigo dispõe sobre a organização do espaço escolar e traz que as mudanças físicas e pedagógicas surgem devido à necessidade de se adaptar ao “modelo de sistema vigente em cada época e ao processo de transformação social no país”, e ao pensar sobre estas adaptações temos que a pandemia da Covid-19, também trouxe as mudanças significativas à educação no Brasil (e mundo), seja por aspectos físicos com as aulas em casa em ambiente virtual, seja pela adaptação do modelo de ensino presencial para virtual, com menos recursos físicos ou até mesmo a

inexistência deles, a depender do contexto sócio-econômico dos estudantes.

Higuchi, Kuhnen e Pato (2019), trazem que Vigotski aponta o termo "vivências" mostrando que a criança e o meio se tornam indivisíveis, sendo o meio afetado pela criança e a criança afetada pelo meio, à medida em que o desenvolvimento e o aprendizado vão acontecendo e tomando sentidos diferentes ao longo das fases. As autoras seguem no texto e trazem o que Gonçalves e Flores (2011, .28) dividem os espaços livres das escolas em 5 categorias: **1- Contato Social** - Aprendendo a conviver, consolidando laços e interações sociais desde a infância, com conversas menos formais que não costumam haver em sala de aula; **2- Brincar e Jogar** - Possibilidade para o desenvolvimento e aprimoramento de habilidades, trabalho em equipe, socialização e desenvolvimento através da ludicidade, espaço para criatividade e conhecimento sobre a importância de regras; **3- Motoricidade e Sentidos** - Permite a criança conhecer se melhor e desenvolver sua coordenação, habilidades motoras e força; **4- Funções Pedagógicas** - Aproveitamento de novos elementos naturais e especiais, complementação e mais interação com o conteúdo aprendido em sala de aula; **5- Função Ambiental** - Possibilita o contato com as áreas verdes (grama, árvores, flores, etc.), permitindo uma vivência com a natureza na medida do possível dentro daquele espaço. As autoras trazem uma pesquisa que foi

realizada com alunos de duas turmas do 2º ano e três turmas do 3º ano por meio de vídeogravações, em uma escola de Juiz de Fora, Minas Gerais, no ano de 2013. Os aspectos observados foram divididos em três categorias: **Estruturação Espacial** - Foi percebido que as professoras mantinham uma conduta rígida para que as crianças ocupassem determinados locais específicos e não se movimentassem muito. Segundo Vigotski (2010) se uma criança está em um espaço de exploração limitado e sendo controlada, ela tende a limitar também a sua relação com o ambiente; **Disciplinarização dos Corpos** - onde foi percebido que um ambiente pode apresentar vários elementos que podem definir as relações de poder entre os usuários; e, **Apropriação dos Espaços** - onde foi observado como as crianças ressignificam o ambiente durante o recreio.

Se levarmos em consideração a arquitetura das escolas públicas e privadas, percebemos que as públicas primam pela economia de espaço e de recursos financeiros, desta forma as escolas verticais ocupam menos espaço e o espaço do pátio tem sido suprimido, assim antes mesmo da Pandemia COVID-19, temos uma realidade da ausência do pátio escolar, sendo um desafio para os educadores substituir tal espaço, seja com aproveitamento de parques e praças públicas, seja com a realização de passeios externos com os alunos. A pandemia potencializou a necessidade de discutir o assunto, devido às aulas virtuais e o respeito ao

distanciamento físico como medida de segurança, com espaço delimitado, uso de máscaras e viseiras. A nova realidade começou no improviso, assim como as primeiras escolas no Brasil. Sabemos que o ser humano é um ser adaptável, mas precisamos pensar nessa adaptação de forma menos traumática possível, visando sempre a saúde mental dos estudantes, professores e corpo administrativo das escolas. Pois, os desafios do digital, da administração das emoções envolvidas com a nova realidade, o readaptar, o ressignificar a maneira de dar aulas e o uso do tempo dos intervalos/recreios, estão postos.

CONCLUSÃO

Como seres sociais que somos, o pátio escolar não perdeu a sua importância, onde não é possível o espaço físico, é necessário pensar um espaço onde ocorram as interações sociais e o contato ambiental, de forma segura e que propicie a continuidade do ensino-aprendizagem das aulas teóricas. Será que a tela do celular, tablet, computador e similares, é suficiente para suprir a falta do espaço e do contato físico? As nossas crianças continuam sendo o nosso maior tesouro, sem elas não há futuro.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, LARISSA CELLA DE CAVALLI. A organização do espaço escolar no Brasil: uma análise histórica e social. Rio Claro, 2016.

Cavalcante, S.; Elali, G. A. **Psicologia ambiental: conceitos para a leitura da relação pessoa-ambiente**. Petrópolis: Vozes, 2018.

HIGUCHI, MARIA INÊS GASPARETTO; KUHNEN, ARIANE; PATO, CLAUDIA. Psicologia Ambiental em Contextos Urbanos [recurso eletrônico] - Dados eletrônicos. – 1. ed. – Florianópolis: Edições do bosque/CFH/UFSC, 2019. 191 p. – (Sociedade e Meio ambiente)

MACEDO, PAULO HENRIQUE VIEIRA DE; SILVA, MARIA BEATRIZ PEREIRA DA; SILVA, GIOCONDA SOARES DE ARAÚJO; ROCHA, LUIZ PAULO BRITO. Estágio

Supervisionado em Tempos de Pandemia: Um relato de experiência na educação infantil.

MACIEL, ROCHELE RITA ANDREAZZA.
GIACOMIN, MELINA SAUER. CORSO, DANIELLE -
O brincar na escola durante a pandemia de 2020:
um relato de experiência.

OLIVEIRA. DERLI MACHADO DE; ALMEIDA,
DANIELLE BARBOSA LINS DE. - Recursos
semióticos de enquadramento e a ressignificação
espacial/interacional em tempos de pandemia da
covid-19 no contexto educacional.



O AMBIENTE INFANTIL: LOCAL DE DESENVOLVIMENTO

Cosme Silva
Dárya Willyanne de Moura Cezário da Silva
Laiza Nunes de Souza
Letícia Emanoelle da Silva Cunha
Letícia Freitas de Souza
Maria Allana Dunda de Lima
Maria Claudina de Lira Neta
Simone Feliciano de Farias

INTRODUÇÃO

O desenvolvimento humano acontece no Ambiente. Em contexto das creches, a interação da criança com o ambiente é fundamental, possibilita oportunidades para o aprimoramento de competências e sociabilidade. É também necessário que esse ambiente seja acolhedor e proporcione interação social. É de extrema importância que a pessoa responsável pela criança na creche ou hotelzinho tenha plena consciência de que o trabalho na qual ela está fazendo não é apenas cuidar de uma criança, mas sim de educar uma criança para a vida, para que ela possa viver dignamente. O ambiente na qual uma criança está, influencia 100% em como essa criança irá se comportar futuramente na adolescência

e na vida adulta. É muito importante também o trabalho em conjunto da família, para que haja uma melhor interação da criança no ambiente na qual ela vive. Seja em casa ou na creche, pois mesmo que as crianças aprendam na creche como devem se comportar, também é necessário a interação familiar ensinando e incentivando, para que flua uma boa interação social. Estudos comprovados dizem que o ambiente na qual mais influencia uma criança é dentro de sua casa. Portanto, o ambiente para uma criança não deve ser moldado apenas pelo hotelzinho/creche, mas também pelos pais ou cuidadores dentro de casa, ensinando a criança a viver da melhor forma possível dia após dia. Sob tal ponto de vista, esses dois Ambientes são importantes para o desenvolvimento de uma criança para o seu auto descobrimento, vivenciando novas experiências e assim garantindo sua segurança e integridade (física e emocional). Nesse contexto o Arranjo e a docilidade Ambiental vêm como elemento que favorece o uso do espaço e promover a socialização infantil.

METODOLOGIA

O estudo parte de uma estrutura metodológica narrativa, que se utilizou de pesquisas bibliográficas para apresentar o tema, e validar a importância do arranjo espacial e da docilidade ambiental, para o desenvolvimento infantil e a estimulação de sua

autonomia. A pesquisa encontra-se voltada para 'sala de atividades em creches' e 'playgrounds' com crianças entre 2-5 anos. O arranjo espacial foi analisado a partir dos textos de 'Campos-de-Carvalho e colaboradores', que em suas pesquisas analisaram por meio de fotos, vídeos, e observações livres, o ambiente infantil e como as crianças ocupam o espaço e se relacionam no mesmo. Nesse primeiro momento, eles se utilizaram de uma base teórico-metodológica, documentando as técnicas e comportamento socioespacial, em um experimento ecológico. Esse experimento fez relação entre o arranjo tradicional e a presença de zonas circunscritas, percebendo como esse segundo contribui para o objetivo de autonomia e desenvolvimento infantil. O mesmo ocorre no arranjo espacial, que foi analisado a partir de pesquisas bibliográficas, e experimentos de observação, onde os textos apresentados tinham como métodos, a observação e a narrativa de como as crianças interagem em ambientes de playgrounds.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Partindo dos resultados das pesquisas bibliográficas feitas a partir de uma estrutura narrativa teórico-metodológica, são os ambientes que favorecem as Interações entre crianças pequenas. Sendo esses ambientes: salas de atividades em creches, Playgrounds, que foram estudados em

condições configuradas como ecológicas. Podemos ver essas Interações no Arranjo Espacial e na Docilidade Ambiental, pois são conceitos essenciais, os mesmos são mostrados pelos autores para o desenvolvimento e autonomia das crianças. Através da observação é trazido também como resultado do mesmo conceito as zonas circunscritas ou áreas denominadas barreiras baixas, esse espaço que antes era vazio (Arranjo Espacial), agora é preenchido por mobiliário, parede, desnível no sol, mesas, cadeiras, estantes entre outros. Todo esse processo de introdução desses mobiliários é feito visando que essas crianças se habituem com mudanças.

Na Docilidade Ambiental podemos examinar, que o ambiente vem composto por características físicas e sociais, com a intenção de ajudar a criança a desenvolver suas habilidades e competências, compensando suas dificuldades e facilitando seus comportamentos. Como resultado a interação social entre elas e delas com os outros adultos, variando de setor para setor, tendo uma relação direta com suas características físicas e sociais.

Essa interação é ponderada pela faixa-etária: 3 anos: Procuram explorar de uma forma visual, mas mantendo o contato visual com os pais ou responsáveis. 4 anos: exploram os ambientes como um todo, pois já estão acostumados com os equipamentos, brinquedos e conseqüentemente desapegam-se dos adultos. 5 anos: Costumam

demorar mais tempo nas atividades e permanecem no local onde são realizadas, deixam de ser dependentes do contato visual dos pais ou responsáveis. Podemos discorrer através dos resultados obtidos pelas pesquisas que as crianças podem utilizar os brinquedos dos Playgrounds de formas diferentes constituindo assim o conceito *affordances*. Um exemplo de *affordances* e ao observamos as crianças (3anos) usam o escorregador para subir, sentar-se, descer deslizando pela rampa inclinada as maiores detectam outros modos de usá-los, não sendo incomum vê-las descendo em posição invertida (com as costas para cima ou, ainda com a cabeça para baixo). Fazendo uma junção dos conceitos, métodos e abordagens utilizados no texto podemos compreender que o ambiente é um instrumento de ponto de partida para o desenvolvimento da criança.

O Arranjo Espacial promove a interação entre as crianças, os pais, adultos e ambientes. As mudanças promovidas pelas zonas circunscritas são aumento da autonomia das crianças entre elas e o educador, a outra é o maior envolvimento delas com as brincadeiras “faz de conta imitação do cotidiano” (como tomar café, cuidar de bebês, fazer refeições); estimulando a apropriação do espaço pelas crianças, e sua participação nos ajustes do ambiente, ao analisarmos essas mudanças, podemos perceber que as zonas circunscritas aprimoram as crianças

para as demandas futuras, visando a independência na vida adulta.

Na Docilidade Ambiental, os Playgrounds são aliados aos ambientes escolares e áreas livres para o desenvolvimento das habilidades, aprimorando a percepção, compensando algumas dificuldades, auxiliando nas competências. Quando o texto sugere que a participação dos pais ou responsáveis atrapalha na interação podemos concluir através do desenrolar do texto que realmente influência de uma forma não tão boa, pois o envolvimento das crianças com elas mesmas fica comprometido, vendo essa demanda os Playgrounds criaram bancos para os pais, pois enquanto eles brincam os pais ficam de longe observando-os, se pararmos para discutir essa problemática podemos perceber que a participação dos pais mesmo com as melhores intenções, na maioria das vezes pode atrapalhar o desenvolvimento dos mesmos, por tanto o melhor seria deixá-los terem suas próprias experiências: cair e levar; subir e descer sozinhos; bagunça e organizar. Com relação aos *affordances*, é muito interessante como as crianças usam a criatividade para explorar os mesmos brinquedos, os menores com a sua percepção de espaço e tempo, diferentemente dos maiores, cada um sendo aprimorado de acordo com sua idade. Alguns podem até não levar em consideração a importância desses ambientes na formação das crianças, mas no artigo Experiência do brincar na brinquedoteca de Paula, mostra o relato na

brinquedoteca Caic, relatando esse espaço como sendo um espaço na instituição de educação infantil que privilegia o livre brincar como expressão de subjetividade, como meio de formar conceitos sobre valores como afetividade, cooperação, fraternidade e entre outros que juntos ajudam a formar um ser humano integral e autônomo.

CONCLUSÃO

A partir do texto, podemos perceber, que essa fase de creche é também uma fase de muito desenvolvimento, autoconhecimento e descoberta do outro, onde a criança inicia uma relação ativa com o espaço em que vive. Nesse espaço de desenvolvimento e interação, a docilidade ambiental e o arranjo espacial vão agir como peças fundamentais; atuando como facilitadores no processo de desenvolvimento. Onde serão preservadas a segurança física e emocional, necessárias para a criança se descobrir e enfrentar os desafios das novas interações. Assim, agindo ativamente, com confiança e autonomia, a criança vai desenvolvendo habilidades necessárias para a infância, e conseqüentemente para as outras fases da vida.

REFERÊNCIAS

CAMPOS-DE-CARVALHO, M. I. Arranjo espacial. In: CAVALCANTE, S.; ELALI, G. A. (Orgs.). Temas

básicos em Psicologia Ambiental. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. P. 70-82.

CAMPOS-DE-CARVALHO, M. I. Psicologia ambiental e do desenvolvimento: O espaço em instituições infantis. **In:** GUZZO, R. S. L.; PINHEIRO, J. Q.; GUNTHER, H. (Orgs.). Psicologia ambiental: Entendendo as relações do homem com seu ambiente. Campinas, SP: Alínea, 2004. P. 181-194.

CAMPOS-DE-CARVALHO, M. I.; BOMFIM, J. A.; SOUZA, T. N. Organização de ambientes infantis coletivos como contexto de desenvolvimento. **In:** M. C. ROSSETTI-FERREIRA, A. M. A.;

Cavalcante, S.; Elali, G. A. **Psicologia ambiental: conceitos para a leitura da relação pessoa-ambiente**. Petrópolis: Vozes, 2018.

CARVALHO, K. S.; AMORIM, A. P. S. (Orgs.). **Rede de Significações: Uma nova perspectiva teórico-metodológica**. Porto Alegre, 2004. P. 157-170.

CAMPOS-DE-CARVALHO, M. I.; ELALI, G. A. Validade ecológica. **In:** CAVALCANTE, S.; ELALI, G. A. (Orgs.). Psicologia Ambiental: conceitos para a leitura da relação pessoa-ambiente. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017 (no prelo).

CAMPOS-DE-CARVALHO, M. I.; MINGORANCE, R. C. Zonas Circunscritas e ocupação do espaço por crianças pequenas em creche. **Revista Interamericana de Psicologia**, v. 33, n. 2, p. 67-89, 1999.

ELALI, G. A. **Ambientes para educação infantil, um quebra-cabeça? – Contribuição metodológica na avaliação pós-ocupação de edificações e na elaboração de diretrizes para projetos arquitetônicos na área.** Tese (Doutorado em Estruturas Ambientais Urbanas) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Universidade de São Paulo, 2002.

ELALI, G. A. O ambiente da escola – o ambiente na escola: uma discussão sobre a relação escola–natureza em educação infantil. **Estudos de Psicologia**, v. 2, n. 2, p. 349-362, 2003.

ELALI, G. A. Do intra-muros ao extra-muros: comentários sobre a apropriação dos espaços livres da escola e pela escola. **In: AZEVEDO, G. N. A.; RHEIGANTZ, P. A.; TÂNGARI, V. (Orgs.). O lugar do pátio escolar no sistema de espaços livres.** Rio de Janeiro: UFRJ/FAU/PROARQ, 2011. P. 107-120.

GUNTHER, H. Afordance. **In: CAVALCANTE, S.; ELALI, G. A. Temas Básicos em Psicologia Ambiental.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. P. 70-82.

LAWTON, M. P. Na environmental psychologist
ages. **In:** ALTMAN, I.; CHRISTENSEN, K. (Orgs.).
Environment and behavior studies: emergence of
intellectual traditions. New York: Plenum Press,
1990. P. 339-363.



PROPOSTA TRANSDISCIPLINAR EM CONTEXTOS FORMATIVOS: CHAVE MESTRA PARA A SUSTENTABILIDADE

Gabriela Raquel da Silva
Júlia Maiza Silva de Souza
Luana Beatriz Alves Bezerra
Luanna Alexandre Feitosa
Lucas Soares da Silva
Maria Gabriela Nascimento Santos
Mikaela da Silva Santos
Natália Stephanie A. de Moura B. Costa

INTRODUÇÃO

As questões ambientais só ganharam destaque na mídia e na literatura, na década de 1960, quando se ressaltou as relações entre eventos ambientais e comportamento humano e suas consequências para a humanidade. A problemática ambiental tem no comportamento humano um tema transversal, tendo em conta o consenso do impacto humano nos problemas ambientais. Pode se compreender que o mesmo humano que degrada pode reverter esse quadro e oferecer alternativas para contribuir com a reversão.

Atualmente os eventos ambientais veem tomando mais visibilidade, nas mídias sociais, e veem focando na relação entre o comportamento humano e

os eventos ambientais, e como o comportamento humano vem influenciando negativamente nessas questões, discussões como essas estão tomando cada vez mais visibilidade, onde diferentes áreas vêm discutindo e procurando entender melhor essa relação e construindo um diálogo entre os campos de estudos da Psicologia Ambiental e da Educação ambiental, e ambas as áreas tem papéis centrais e responsabilidade na problemática ambiental. Onde a psicologia ambiental nesse diálogo não vai apenas colocar a ação humana como foco, mas também os contextos que influenciam e afetam o comportamento humano. O dialogo a parceria entre essas áreas podem resultar em compreensão mais clara e aprofundada da problemática socio ambiental.

Segundo Moser apenas o conhecimento integrado das diferentes abordagens disciplinares pode ser capaz de enfrentar os desafios que envolvem a relação pessoa-ambiente. Compreendendo de que a Psicologia e a Educação têm como foco de estudos primordial o ser humano e suas relações, embora com intencionalidades e esferas de atuação distintas, fazendo com que as duas áreas tenham um papel e responsabilidade centrais na problemática ambiental.

METODOLOGIA

O método de pesquisa que foi utilizado é o qualitativo, apresentando as análises e percepções

sobre o tema, investindo em relatórios e opiniões. As técnicas utilizadas foram análise de conteúdo, pesquisa bibliográfica e observação.

Para que esse estudo fosse desenvolvido, foram necessários alguns levantamentos bibliográficos sobre proposta transdisciplinar em contextos formativos: chave mestra para a sustentabilidade. Os autores que contribuíram para esse trabalho foram: Claudia Pato e Zenith Nara Costa Delabrida.

RESULTADO E DISCUSSÕES

É bastante perceptível que para resolver as problemáticas ambientais, vigentes até hoje, um só núcleo de atuação não é o suficiente, pois esse tipo de atuação seria muito pouco eficaz para enfrentar uma problemática bastante ampla e enraizada na sociedade em que vivemos. Mas qual seria a solução para bater de frente tais problemáticas ambientais? Para tal situação, seria de suma importância, a união de diferentes áreas de atuação, ou seja, a transdisciplinaridade.

Segundo Moser (2005), vai ser no conhecimento agregado das diferentes abordagens disciplinares que vai ser possível bater de frente com os vários desafios que tem como envolvimento a relação pessoa-ambiente. Deste modo, é necessário alcançar um diálogo transdisciplinar e também o levantamento de um campo de estudos que não

possua fronteiras, principalmente de áreas que tenham como foco essa relação pessoa-ambiente. As áreas que se encaixam nesse sentido é a Psicologia Ambiental e a Educação Ambiental.

Muitos devem se perguntar qual as vantagens de uma perspectiva transdisciplinar, o que ela traz no enfrentamento desses desafios socioambientais? É preciso analisar da seguinte maneira; agindo de forma isolada e sem o diálogo transdisciplinar, pode acarretar resultados poucos proveitosos, com apenas uma visão exclusiva da problemática. Com a transdisciplinaridade, vai ter a possibilidade de se ter uma compressão mais clara e aprofundada dessa problemática socioambiental como também a capacidade de ser ter ações e intervenções mais efetivas. Desta maneira, com o diálogo transdisciplinar entre a Psicologia Ambiental e a Educação Ambiental, vai ser possível criar debates que girem em torno dessa questão socioambiental, que vai visar tanto a compreensão como também a intervenção que vai ser bastante necessária nessa realidade que é bastante complexa.

Já que a Educação Ambiental tem como enfoque uma atuação em aspectos de formação ética, de valores, atitudes e mudança comportamental, ela tem uma perfeita sintonia com a Psicologia Ambiental, que tem como seus principais focos nesses mesmos aspectos que a Educação Ambiental possui como foco. Entende-se por educação ambiental os processos por meio dos quais

o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem do uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade (BRASIL, 1999).

De certa forma, como não se tem apenas um pensamento ambiental, não vai ser possível ter apenas uma e exclusiva forma de educação ambiental. Ou seja, são adotadas diferentes correntes de educação ambiental, entre as tantas que se tem, as que mais se destacam são a educação ambiental crítica, a educação ambiental popular, a educação ambiental tradicional ou tecnicista e a eco pedagogia. A Educação Ambiental tenta realizar a promoção de uma passagem da sociedade para à sustentabilidade.

A Psicologia Ambiental vai ponderar sobre a tríade pessoa-sociedade-natureza de uma maneira mútua e vai ter como base as questões ambientais, pois assim como outras áreas de conhecimento, a Psicologia Ambiental tem como intuito dar respostas para esses problemas ambientais vigentes e também aumentar o conhecimento dessas questões, e aqui vai mais além, essa área não param apenas na ação humana, como também focam em alguns contextos que acabam tendo um potencial para afetar o comportamento humano, como o físico, o social e o econômico. No contexto de que as problemáticas novas que vão surgindo, vão demandar novas abordagens, manifestando nesse contexto a

construção de uma interdisciplinaridade e que depois vem a ser a transdisciplinaridade.

Segundo Moser (2005) essa interdisciplinaridade vai ser uma abordagem que será paralela de um mesmo objeto ou problema; com um fechamento final de uma forma confrontativa para se ter uma conclusão em conjunto, garantindo assim a ecologia da proposta. Por mais que se tenha vantagens com esses métodos, eles não podem ser usados por outras áreas de forma banal como instrumentos técnicos. Para se ter o uso desse método de forma benéfica é preciso que esse método e as trocas metodológicas provenientes dele, tenham uma implicação ética. Para Uzzell (2005, p. 196) “a adoção de metodologias em um contexto interdisciplinar também requer a adoção de padrões éticos supostos de acompanhar o seu emprego”.

Portanto, é possível perceber que o apenas uma área com apenas uma perspectiva sobre os problemas socioambientais, não vai ter uma visão ampla e aprofundada sobre a questão. Embora tenha sido mencionado a questão da interdisciplinaridade, ela ainda se encontra na estrutura disciplinar, portanto não vai conseguir responder às exigências desse novo olhar sobre a realidade socioambiental que é bastante complexo e também multidimensional. Logo, surge a transdisciplinaridade, que vai buscar derrubar as fronteiras que existem entre as áreas de conhecimento, onde vai ser possível agregar conhecimentos e saberes, onde terão propostas mais

amplas, claras e aprofundadas sobre as problemáticas socioambientais, onde vai ser analisado sobre diferentes pontos de vista.

CONCLUSÃO

Indubitavelmente a união das disciplinas já citadas é a solução para a resolução da problemática. De acordo com Robert Gilman; “Não existem problemas ambientais, existem sintomas ambientais de problemas humanos.”. Portanto, a multidisciplinariedade ambiental deve ser ensinada desde cedo para que os pequenos cidadãos aprendam a forma correta de reverter os danos causados pelos seres humanos em todos estes anos. Quanto maior for a frequência dos debates e dos ensinamentos ambientais mais ciente a população estará, e conseqüentemente, maior será a absorção da aprendizagem, fazendo com que os resultados esperados sejam atingidos de maneira mais rápida. A educação é a maneira eficiente do regresso da saúde do meio ambiente.

REFERÊNCIAS

Cavalcante, S.; Elali, G. A. **Psicologia ambiental: conceitos para a leitura da relação pessoa-ambiente**. Petrópolis: Vozes, 2018.

MOSER, Gabriel. PSICOLOGIA AMBIENTAL E ESTUDOS PESSOASAMBIENTE: QUE TIPO DE

COLABORAÇÃO MULTIDISCIPLINAR? **Psicologia USP**, v. 16, p. 131-140. 2005. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pusp/a/QspHFFkmdm8zQjX9ZMWtrwy/?lang=pt&format=pdf>>. Acesso em: 25/03/2024.

PATO, Claudia M. L.; DELABRIDA, Zenith Nara Costa. Proposta transdisciplinar em contextos formativos: chave mestra para a sustentabilidade. In: HIGUCHI, Maria Inês G.; KUHNEN, Ariane; PATO, Claudia. (Org.). *Psicologia ambiental em contextos urbanos*. Florianópolis: Edições do Bosque, p. 34-58, 2019.

UZZELL, David. QUESTIONANDO OS MÉTODOS NA PESQUISA E NA PRÁTICA INTERDISCIPLINARES DA PSICOLOGIA AMBIENTAL. **Psicologia USP**, v. 16, p. 185-199. 2005. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pusp/a/KcVwQX8cDjnMq5CdT8wjdnr/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 30/03/2024.



ESTRESSE NO AMBIENTE HOSPITALAR: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA À LUZ DA PSICOLOGIA AMBIENTAL

Gilmark Gilvan Sobral
José Ítalo de Lima Silva
Larissa Maira de Melo Silva
Marta Laís Bezerra da Silva
Monaliza Ramos de Araújo
Nathália Rafaela da Silva
Thallyta Samara de Moraes Fernandes
Yuri de Andrade Wu

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como objetivos entender a relação do estresse no ambiente hospitalar e identificar fatores de suporte e distrações negativas. Com base em pesquisas realizadas nas bibliotecas virtuais e baseado na teoria do design de suporte apresentado no livro *Psicologia Ambiental em Contextos Urbanos* (2019), observa-se que a recuperação de pacientes inseridos em ambientes com aspectos fisiológicos favoráveis contribui na remissão dos sintomas diferentemente dos que não tem acesso a esses estímulos. Segundo a Organização Mundial da Saúde (1946), saúde é um estado de completo bem-estar físico, mental e social,

e não apenas a ausência de doença ou enfermidade, porém fatores externos podem influenciar diretamente na relação saúde-doença do indivíduo. Um destes fatores que vamos enfatizar no presente resumo é a relação de estresse e bem-estar no ambiente hospitalar.

O estresse é uma reação natural desencadeada por episódios de perigo ou ameaça. Possui função importante, visto que possibilita acesso a estados de alerta ou alarme, provocando alterações físicas e emocionais essenciais a resposta biológica adaptativa as situações (SARDINHA & NARDI, 2014). No estresse há uma reação psicofisiológica que foi necessária para evolução do ser humano, todavia possui direta influencia na potencialização de sintomas em diversos casos de adoecimento. Segundo Straub (2014, p. 77) “Quando sobrecarrega nossos recursos de enfrentamento, o estresse pode prejudicar nossa saúde”. O estudo do estresse relacionado as relações homem e ambiente no contexto hospitalar é um campo emergente, o mundo vivencia constantes transformações e os serviços de saúde devem acompanhar esse movimento. Internações, relações médico-paciente, cuidados paliativos e prevenção quaternária são alguns exemplos de área proeminentes na saúde que se beneficiam desse saber.

METODOLOGIA

O resumo fundamenta-se nos moldes da revisão bibliográfica, se apresenta como um estudo exploratório nas bibliotecas virtuais Scielo e Pepsic, com as palavras chaves; psicologia ambiental x ambiente hospitalar e stress x hospitalização. Com a abstração dessas palavras chaves foram utilizados os filtros; Português e Brasil foram obtidos os seguintes resultados: stress and hospitalização: 18 resultados no Pepsic e 21 resultados no Scielo; psicologia ambiental and ambiente hospitalar: 0 resultados no Pepsic e 0 resultados no Scielo; psicologia ambiental and hospital: 2 resultados no Pepsic e 0 no Scielo. Desses dados foram filtrados os resultados através da análise dos resumos e da pertinência temática, assim, chegou-se na seleção de 4 artigos para uso na revisão bibliográfica. A delimitação da temática foi pautada no capítulo 6 do livro Psicologia Ambiental em Contextos Urbanos (HIGUCHI, KUHNEN & PATO, 2019).

RESULTADO E DISCUSSÕES

Para a análise de dados bibliográficos, constará na Tabela 1 para verificação e alinhamento dos resultados obtidos acerca de aspectos que abrangem distratores positivos e negativos no contexto hospitalar:

Tabela 1 - Artigos obtidos mediante a pesquisa exploratória nas bibliotecas Scielo e Pepsic.

Artigo	Objetivos do Estudo	Principais resultados ligados ao ambiente	Resultados ligados à distratores negativas	Resultados ligados à distratores positivos
Carvalho, Pedreira e Aguiar (2005)	Verificar o nível de ruídos em uma unidade de cuidados intensivos pediátricos.	Foi identificado um nível basal de ruídos de 60 a 70 dBA, com pico de 120 dBA. Os níveis mais elevados foram identificados no período diurno, decorrentes da atividade e comunicação dos profissionais.	Os níveis de ruídos identificados excederam as recomendações do International Noise Council, da Organização Mundial da Saúde.	Foi pensada na educação sobre os efeitos prejudiciais de ruídos na audição humana e sua relação com o estresse como sendo constituintes de bases para a implementação de programas de

				redução de ruídos.
Mace na e Lang e (200 8)	Avaliar a incidência de estresse em pacientes internados em um hospital geral de rede privada.	Verificou-se que 82,5% dos participantes apresentavam um quadro de estresse, estando 62,5% na fase de resistência, 7,5% na fase de alerta, 7,5% na fase de quase-exaustão e 5% na fase de exaustão, havendo predominância de sintomas psicológicos (69,2%). Sendo 40% mulheres e 42,5% homens.	Apontaram um alto índice de estresse em ambos os gêneros, sendo que os dias de internação e o grau da patologia não foram determinantes para o desenvolvimento do estresse.	Foi sugerida a realização de outras pesquisas com um número maior de participantes, como também a necessidade de se repensar sobre formas de intervenção no contexto hospitalar.
Silveira,	Identificar como os	Caracterizado como um	O lugar menos	Constatou-se que os

Kuhn en e Felipe (2018)	espaços verdes podem contribuir para a restauração do estresse psicofisiológico de usuários do hospital de custódia.	espaço verde e aberto, o lugar (espaço dentro hospital escolhido pelos participantes da pesquisa) é composto por árvores, grama, uma quadra poliesportiva e uma pequena quadra de basquete. O espaço contempla ainda mesas e bancos na grama, academia ao ar livre e um muro pintado de branco com desenhos grafitados.	apreciado no hospital de custódia, elencado por seis participantes, foi a ala de tratamento, com paredes altas e decorações escuras, em sua maioria coberta de ocupação, janelas com grades espessas, além da baixa iluminação.	ambientes e as paisagens naturais se destacaram quanto ao potencial benéfico à saúde e à redução psicofisiológica do estresse.
Tissot, Verg	Verificar quais elementos	Espaços diferenciados podem ser	Foram elencadas dificuldades	O suporte social, suporte às

<p>ara e Ely (2020)</p>	<p>ambientais do quarto de internação são mais significativas para os usuários e contribuem para a Humanização.</p>	<p>uma forma de amenizar os sentimentos negativos do paciente. A falta de conhecimento sobre os benefícios da humanização muitas vezes acaba por tornar os ambientes precários, o que consequentemente afeta a saúde dos usuários. O artigo destaca o ambiente externo como suporte para fuga da monotonia e evitação do estresse, aonde ressalta a importância</p>	<p>como utilização do banheiro por não possuir acessibilidade, falta de condicionador de ar para controle do ambiente, ausência de privacidade visual e sonora devido às portas dos quartos estarem sempre abertas, fazendo com que os usuários se sintam vigiados o tempo todo, outro ponto sinalizado como insatisfatório foi o</p>	<p>atividades e controle do ambiente, foram apontados como elementos cruciais. Durante a entrevista, os funcionários elencaram o jardim como primordial, e em contrapartida os pacientes preferiram as janelas, sinalizando ainda sobre o “leiaute flexível”, que poderia contribuir para que</p>
-------------------------	---	---	---	---

		de abertura de janelas nos quartos.	quarto sem janela.	as atividades de rotina fossem realizadas de forma mais ágil e segura, com mobiliários e equipamentos mais flexíveis.
--	--	-------------------------------------	--------------------	---

Fonte: autoria própria.

Após a análise das pesquisas, foram percebidos fatores em comum em cada estudo, tendo como um tema de maior relevância, o estresse provocado pelo ambiente hospitalar, enfatizando a necessidade de novas formas de intervenção para esta problemática. Diante disso, é necessário refletir sobre a experiência hospitalar que cada indivíduo pode vir a ter, como relata Campos (1995), a hospitalização simboliza uma desarmonia na história pessoal, traz como consequências fatores estressantes, decorrentes do sofrimento, da sensação de abandono. Já que em situações de internação o sujeito está privado da sua vivência autônoma, podendo esse ser um fator de risco para

outros problemas, portanto emerge a necessidade de esforços para a restauração destes ambientes, não somente estruturalmente, mas também em aspectos relacionados as vivências pessoais, como por exemplo as relações que são constituídas em meio ao espaço hospitalar.

Dessa forma, os estudos elencaram alguns fatores prejudiciais, durante o período de internação. O primeiro são os ruídos que são provocados nestes ambientes (CARVALHO, PEDREIRA & AGUIAR, 2005), já que nesse contexto o paciente poderá estar cercado por diversas pessoas, desde da equipe medica, até outros pacientes e seus familiares, além dos sons produzidos pelos próprios aparelhos hospitalares. Outro ponto que merece atenção são os dias que o paciente passa internado, pois de acordo com as pesquisas quanto maior for este período, maior será o nível de estresse do sujeito. Além disto, questões como um ambiente pouco acolhedor estruturalmente (baixa iluminação ou alta iluminação, ausência de janelas e de luz natural...), são fatores problemáticos tanto para os pacientes como também para toda equipe hospitalar (SILVEIRA, KUHNEN & FELIPPE, 2018) e (TISSOT, VERGARA & ELY, 2020).

Por isto, é necessário maiores investimentos nos processos de humanização dos ambientes hospitalares, levando em conta a importância da manutenção de das relações interpessoais, estimulando a criação de redes de convívio para os

pacientes, a equipe médica e os visitantes, promovendo um ambiente que gere um maior suporte social. Entretanto, é de suma importância que também haja esforços, para criação de uma estrutura física acolhedora, que priorize um espaço que promova uma maior satisfação do sujeito, pois o bem estar dos indivíduos depende de uma relação de equilíbrio entre questões de ordem físicas e psicológicas.

Diante desta temática, foi perceptível que os maiores desafios são a construção de novos estudos e a implementação de intervenções que visem o bem estar hospitalar. Foi nítido uma certa escassez científica em torno do assunto, sendo este um ponto que merece atenção para criação de futuros estudos. Todavia, também devemos ser críticos aos ambientes hospitalares, pois poucos são aqueles que propiciam um espaço saudável para aqueles que estão inseridos neste contexto.

CONCLUSÃO

A partir do que foi visto no resumo expandido desempenhado, compreende-se que os objetivos da pesquisa foram alcançados, uma vez que a pesquisa bibliográfica exibiu artigos com resultados que corroboram as ideias da investigação proposta neste trabalho. Foram comprovadas questões no ambiente hospitalar significativas, possuindo uma ordem direta relacionada ao estresse, em direções tanto positivas,

como negativas, colaborando com a proposta da pesquisa.

Diante das investigações realizadas, é notório a quantidade de estudos acerca do estresse, sendo esse um tema muito rico com diversas possibilidades óticas. Entretanto, ressalta-se a escassez do tema quando relacionado ao ambiente hospitalar, como pode ser observado nos resultados de pesquisa encontrado diante da metodologia de pesquisa realizada.

Indica-se que sejam realizados mais estudos futuros acerca da temática abordada, tendo em vista não somente a escassez de achados, como também as contribuições que mais estudos podem trazer, comprovando cada vez mais a importância de que implementações sejam efetuadas em ambientes hospitalares, algo que pode vir a contribuir com os processos de cuidado diante de um ambiente com tantos estressores significativos da vida tanto dos sujeitos hospitalizados como também dos colaboradores.

REFERÊNCIAS

CAMPOS. T. C. P. **Psicologia Hospitalar**. São Paulo: EPU, 1995.

Cavalcante, S.; Elali, G. A. **Psicologia ambiental: conceitos para a leitura da relação pessoa-ambiente**. Petrópolis: Vozes, 2018.

CARVALHO, Werther B.; PEDREIRA, Mavilde L. G.; AGUIAR, Maria A. L. Nível de ruídos em uma unidade de cuidados intensivos pediátricos. **Jornal de Pediatria**, [s. l.], v. 81, 2005.

FELIPPE, Maíra L.; SILVEIRA, Bettieli B. Relações de bem-estar e estresse no ambiente hospitalar. *In*: HIGUCHI, Maria; KUHNEN, Ariane; PATO, Claudia. **Psicologia Ambiental em Contextos Urbanos**. 1. ed. Florianópolis: Edições do Bosque, 2019. ISBN 978-85-60501-37-3.

MACENA, Cristiane; LANGE, Elaine. A INCIDÊNCIA DE ESTRESSE EM PACIENTES HOSPITALIZADOS. **Psicologia Hospitalar**, [s. l.], v. 6, p. 20-39, 2008.

NAÇÕES UNIDAS (Nova Iorque). OMS. Constituição da Organização Mundial da Saúde. *In*: USP (São Paulo, SP). Comissão de Direitos Humanos da USP. **BIBLIOTECA VIRTUAL DE DIREITOS HUMANOS**. [S. l.], 20 fev. 2006. Disponível em: <http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/OMS-Organiza%C3%A7%C3%A3o-Mundial-da-Sa%C3%BAde/constituicao-da-organizacao-mundial-da-saude-omswho.html>. Acesso em: 9 out. 2021.


SARDINHA, Aline; NARDI, Antonio. Estratégias de manejo do estresse e da ansiedade. *In*: MELO,

Wilson Vieira (org.). **Estratégias Psicoterápicas e a terceira onda em terapia cognitiva**. Novo Hamburgo: Sinopsys, 2014. ISBN 978-85-64468-18-4.

SILVEIRA, Bettieli; KUHNEN, Ariane; FELIPPE, Maíra. Retratos de um hospital de custódia: os espaços verdes e sua relação com a restauração psicofisiológica do estresse. **Pesquisas e práticas psicossociais**, São João Del Rei, v. 13, ed. 4, outubro-dezembro 2018.

STRAUB, Richard O. **PSICOLOGIA DA SAÚDE: Uma Abordagem Biopsicossocial**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014. ISBN 978-85-8271-053-1.

TISSOT, Juliana; VERGARA, Lizandra; ELY, Vera. Definição de atributos ambientais essenciais para a humanização em quartos de internação. **Ambiente Construído**, Porto Alegre, v. 20, ed. 3, p. 541-551, jul./set. 2020.



**A AFETIVIDADE NO CONTEXTO
UNIVERSITÁRIO: A RELAÇÃO DE APEGO ENTRE
PROFESSORES, ESTUDANTES E SERVIDORES
COM O CAMPUS**

Achirly Santos Feitosa
Ana Beatriz Martins
Angelice dos Santos Portela
Zélia Alice Cordeiro da Silva

INTRODUÇÃO

O presente estudo foi realizado com intuito de compreender as relações afetivas estabelecidas entre os sujeitos que compõe a universidade Federal do Ceará no estado de Fortaleza no Campus Benfica e o referido Campus. O interesse sobre a realização desse estudo teve como base a significação e relação que o próprio Campus possui com a cidade, por ser um local de patrimônio histórico e cultural que manifesta muito das vivências e experiências passadas da população local, expressando num certo grau um pouco da história particular daqueles que ali viveram. Assim, buscou-se então investigar a relação afetiva, de apego, com este local significativo que hoje é utilizado como universidade, mas que é marcado pelas vivências individuais e coletivas.

Dessa forma, os dois objetivos primordiais deste estudo foram: 1. Reconhecer a percepção das pessoas em relação aos diversos aspectos que envolvem o campus e sua relação com ele como por exemplo, questões de grau de satisfação e qualidade de vida, estruturação de espaços e áreas verdes, segurança, iluminação, acessibilidade. 2. O propósito maior, buscar comprovar se o apego pode ser percebido como sendo uma categoria de análise e de avaliação de ambientes universitários, e se ele facilita, ou não, comportamentos pró-ambientais com relação ao campus.

Ademais, foram apresentados alguns conceitos centrais para melhor compreensão da realidade relacional entre professores, estudantes, servidores e o Campus, dos quais destaca-se: afetividade, psicologia ambiental, apego, apropriação do espaço, identidade social. Então a afetividade seria uma base teórica e analítica que norteia a percepção do sujeito e sua forma de se relacionar com tudo que entre em contato, sendo, portanto, uma dimensão mediadora da transformação do sujeito e de tudo aquilo que ele se relaciona.

A psicologia ambiental seria um campo de estudo multifacetado influenciado por diversas fontes de saberes que busca compreender os processos psicossociais advindos das relações, trocas e interações do sujeito com o ambiente, abarcando os aspectos sociais, culturais, políticos, além de se preocupar com o desenvolvimento de ações ou

comportamentos que viabilizem ações favoráveis aos bem-estar socioambiental, o que podemos chamar de comportamentos pró-ambientes, em que todos ajam de maneira comprometida com a saúde coletiva, planetária. Além disso a psicologia ambiental também apresenta a relação sujeito/ambiente sob uma perspectiva de relação mútua de influência, tirando o ambiente de um papel secundário, em que tanto sujeito como ambiente são agentes de transformação e construção um do outro. Dessa forma, o ambiente não é um fator causal dos aspectos psicológicos, mas constitutivo, fazendo parte de sua construção ao mesmo tempo que é influenciado por eles, compreendendo-se que ambiente e sujeito (subjetividade) se fundem numa relação constante, intensa e influenciadora onde um é o prolongamento do outro.

Já o apego seria aquilo que permite o constante envolvimento relacional e um estreitamento de laços que se enraízam e repercute no comprometimento de uns para com os outros e o espaço que estão contribuindo para construção de uma identidade grupal e social. Outro conceito importante foi a apropriação de espaço que pode ser compreendida por meio de dois aspectos centrais: 1. Ação-transformação e 2. Identificação. Na ação transformação o sujeito age sobre o ambiente com intuito de imprimir sobre ele suas características particulares com a busca por um senso de pertencimento àquele local; quando então ele avança

para a identificação o processo de impressão de suas características já está relativamente estabelecido e o sujeito consegue estabelecer uma relação de identificação com esse ambiente reconhecendo-se como parte constitutivo dele; podemos então afirmar que a identificação social é um resultado desse processo de apropriação, marcado por uma relação de influência sobre o local.

Dessa forma, podemos compreender que a identidade social tem como base o conceito de pertencimento e afiliação, onde o sujeito se identifica com aqueles ambientes e grupos, em que é possível ver um pouco de si mesmo, onde há compartilhamento dos valores, ideias, pensamentos com os quais ele mesmo possui e assim o sujeito se sente pertencente aquele ambiente pois vê um pouco do reflexo dele mesmo, possuindo significados, características, linguagem semelhantes. A identificação social é então um resultado da identificação individual do sujeito num entrelaçamento com a identificação com outros sujeitos e o ambiente construído, onde o contexto expressa a subjetividades desses indivíduos, mas também é influenciador dessas subjetividades. Sendo, somente possível uma identificação dos sujeitos com o ambiente quando estão se relacionam e agem sobre ele empregando sentidos e significados próprios e coletivos, gerando transformações, fazendo então surgir a identificação de lugar que é aquela identidade

compartilhada pelo coletivo, permitindo o reconhecimento e identificação daquele ambiente.

Por conseguinte, com base nesses aspectos conceituais e teóricos foi realizado esse estudo longitudinal em fases distintas abarcando questões quantitativas e qualitativas através do olhar da psicologia ambiental e seus entrelaçamentos, fornecendo contribuições sobre a relação sujeito/ambiente num contexto universitário, mas que possui aspectos generalizáveis para o entendimento da construção de comportamentos pró-ambiente.

METODOLOGIA

Uma pesquisa longitudinal que foi realizada em três fases específicas. Com a finalidade de fazer uma avaliação dos afetos foram usados instrumentos geradores de mapas afetivos e um roteiro de entrevista semiestruturado com o intuito de aprofundar os sentimentos de apego mostrados nos mapas afetivos. Na metodologia para analisar as entrevistas utilizou-se a análise de conteúdo temático.

A primeira fase da pesquisa, se deu em 2006/2007 e foram aplicados 94 instrumentos geradores dos mapas afetivos em estudantes de graduação dos vários cursos que compõem o Campus do Benfica. Enquanto, na segunda fase, com o caráter mais qualitativo, os instrumentos foram aplicados a 15 pessoas, sendo cinco de cada categoria de usuário (professor, servidor e aluno).

Dentre as quinze pessoas, foram selecionados 12 participantes para serem entrevistados, sendo quatro de cada categoria.

Na fase conclusiva, em 2016, a pesquisa foi realizada com a mesma população, os instrumentos geradores de mapas afetivos foram aplicados em 26 sujeitos, divididos entre os servidores e estudantes. Não teve a realização de entrevistas posteriores. Nas estratégias de codificação e categorização foi utilizada a metodologia de Análise de Conteúdo (BARDIN, 2009).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Construção dos mapas afetivos

A partir da análise dos mapas afetivos, o resultado obtido foi de que os usuários do campus demonstram geralmente uma imagem de contraste com o mesmo, pois sentimentos de agradabilidade e de insegurança apareceram com frequência, entretanto, os sentimentos positivos foram maiores que os negativos, fazendo assim com que exista o sentimento de apego pelo lugar.

Os mapas que demonstraram metáforas positivas trouxeram sentimentos como: prazer, tranquilidade e acolhimento. Além disso, os resultados demonstraram outros pontos positivos: que o lugar propicia uma experimentação cultural, por ser arborizado remete a natureza, é um local de

descoberta e de partilhar conhecimento. Já as representações negativas, trouxeram sentimentos relacionados a sufoco e desconforto, principalmente a respeito da estrutura do Campus, que por ser antiga é muito insuficiente em algumas questões como estacionamento e estruturação. Em relação ao contraste que foi de maior predominância nos mapas, foi constatado que ao mesmo tempo que o campus gera para os seus usuários sentimentos de boa convivência e agradabilidade, também gera sentimentos de opressão, desorganização e ansiedade como citado anteriormente.

Em relação as três diferentes categorias de usuários do campus, os professores demonstraram maior pertencimento do que os outros, isso se dá possivelmente porque a maioria deles já foram estudantes do campus, além disso eles tem uma mobilidade de transição dentro do campus maior do que em comparação aos servidores, que demonstram maior sentimento de destruição possivelmente por sentirem essa falta de estrutura em seu local de trabalho. E por fim, os alunos demonstraram menor sentimento de insegurança pois o campus traz para eles um maior sentimento de aceitação.

Análise de conteúdo temática das entrevistas

As categorias encontradas na análise foram: sentimento, lugares representativos, atitudes típicas, amizades, estrutura e organização do espaço,

pertencimento, categoria profissional, campus e construção pessoal, tempo livre/ócio, atratividade e inconvenientes. O objetivo dessa análise foi descobrir como e quando essas categorias influenciam nas suas vivências no Campus.

Em relação as respostas dos mapas afetivos e das entrevistas não houve contraste significativo entre elas. As respostas das entrevistas foram vistas muito mais como um aprofundamento e reflexão das respostas dos mapas afetivos.

Foi observado que o desrespeito, o egoísmo e a falta de preocupação com o ambiente e com o próximo foram além da estrutura precária, foram os pontos mais citados na categoria inconveniente.

Uma década depois: construção dos mapas afetivos dos estudantes e trabalhadores do campus do Benfica

Nessa fase da pesquisa foram utilizados apenas os mapas afetivos. O contraste apareceu com maior ênfase, logo após veio a categoria destruição, relacionada ao estado de conservação das estruturas, afinal uma década se passou. E a agradável ainda presente, em relação aos espaços de convivência e espaços verdes e das possibilidades de lazer e crescimento pessoal.

CONCLUSÃO

Tendo em vista os aspectos observados na pesquisa que foi reconhecer a percepção dos alunos, professores e servidores frente as dimensões que abarcam o campus Benfica e questões concernentes a qualidade de vida e satisfação, segurança e estruturação de espaços, tanto interior como salas, banheiros, refeitório, biblioteca e espaço exterior desde o jardim ao estacionamento e áreas de lazer , a finalidade desde o início da primeira etapa do estudo em 2006 foi comprovar se o apego é um item de avaliação no ambiente universitário e se este interfere nos comportamentos dos que ali compartilham suas vivencias.

Desde o início da pesquisa em 2006 até a sua conclusão em 2016 foi possível averiguar dados semelhantes, mesmo o Campus tendo passado por algumas reestruturações de espaços e mudanças anuais de entradas e saídas de pessoas. Essa pesquisa demonstrou que a satisfação depende de como o ambiente corresponde as demandas de cada sujeito e seus diferentes modos de ser frente a realidade, ou seja, foi possível perceber que a experiencia de satisfação dos alunos, professores e servidores está interligado as suas subjetividades, a forma de como o ambiente se apresenta a fim de suprir suas necessidades intrínseca a suas vivencias culturais. É importante frisar ainda que as categorias referentes a elementos naturais do campus, como as

áreas arborizadas onde se encontram os jardins e os bosques geraram maior bem-estar nos entrevistados, esses dados estavam relacionados a maior apego dos participantes tendo em vista suas necessidades de interação social e sensação de comunidade que o espaço aberto proporciona.

REFERÊNCIAS

BONFIM, Zulmira Áurea Cruz *et al.* A afetividade no contexto universitário: a relação de apego entre professores, estudantes e servidores com o campus. **In:** HIGUCHI, Maria Inês Gasparetto; KUHNEN, Ariane; PATO, Claudia. *Psicologia Ambiental em Contextos Urbanos*. 1. ed. Florianópolis: Edições do bosque/CFH/UFSC, 2019. cap. 5, p. 87-115. ISBN 978-85-60501-37-3.

Cavalcante, S.; Elali, G. A. **Psicologia ambiental: conceitos para a leitura da relação pessoa-ambiente**. Petrópolis: Vozes, 2018.



**RELAÇÕES PESSOA-AMBIENTE EM CONTEXTO
DE EXPANSÃO**

Amanda Bárbara Lopes Santana
Antônio Bezerra da Silva
Beatriz de Castro Lira
João Victor Ribeiro Maciel
Laila Stephane Santos de Vasconcelos
Laís Beserra Vasconcelos de Santana
Leiziane Maria de Almeida
Lyara Nunes Costa
Maria do Socorro Santos da Silva
Maria Izabel de Arruda Ferreira
Milena Jéssica Pereira da Silva
Ricácia Jamylle Quintas Silva
Tatiana Brito Vidal Batista Davi Soares Feitoza Teixeira

INTRODUÇÃO

O presente estudo focaliza a análise de como os indivíduos se relacionam com a natureza partindo de um resultado da construção histórica e social, visto que algumas normas sociais moldam as ações dos indivíduos, que conseqüentemente alteram a natureza. O vínculo de pessoa-ambiente parte da hipótese que, ao modificar o ambiente, o sujeito tem seu comportamento transformado pelo ambiente. E a psicologia ambiental tem colaborado nesse fenômeno

visto que o comportamento é um princípio básico para a mudança no vínculo de pessoa-ambiente (GIFFORD, 2005).

O aumento da concentração de pessoas e da circulação de mercadorias nos centros urbanos alertam para a necessidade da criação de estratégias voltadas para a moradia e a mobilidade que atendam os cotidianos que vão ao encontro dos direitos humanos. Essa necessidade se mostra não atendida em grande parte das cidades brasileiras, nas quais o crescimento econômico não tem acompanhado o crescimento demográfico. A partir dessa constatação, esse texto se debruça na apresentação de estudos voltados para essa realidade urbana. De modo particular, o espaço urbano em duas cidades do estado de Santa Catarina são lócus de estudo por meio da perspectiva da Psicologia Ambiental, área da Psicologia que se propõe à análise da relação bidirecional entre pessoa e ambiente (MOSER, 1998).

Nesse sentido, o objetivo deste trabalho é apresentar os resultados de três pesquisas empíricas realizadas pelo Laboratório de Psicologia Ambiental da Universidade Federal de Santa Catarina (LAPAM/UFSC) voltadas à análise das decorrências da expansão do espaço físico urbano articulada à questão da mobilidade urbana e às áreas de risco suscetíveis à ocorrência de desastre.

MÉTODOS

Para a consecução do presente trabalho foi realizada pesquisa bibliográfica através do recolhimento de debates doutrinários, da análise da legislação, bem como da leitura de obras referentes ao assunto, textos, artigos científicos e revistas. A seguir, pretende-se demonstrar os procedimentos metodológicos utilizados na pesquisa. O estudo foi realizado a fim de contribuir para o público sobre a relações pessoa-ambiente em contexto de expansão urbano, utilizando-se de análise a parte de MOSER (1998). A metodologia utilizada será com base numa pesquisa explicativa através dos resultados obtidos (TASSARA; RABINOVICH, 2001), visando tornar o assunto mais conhecido. Buscou-se fundamentar a concepção de que pessoa-ambiente e o contexto de expansão urbana fazem parte da mesma totalidade, conforme (BATTISTON, 2016).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No que diz respeito à pesquisa sobre a construção da identidade de lugar em ciclistas de Florianópolis, foram destacadas em relação à dimensão cognitiva do uso da bicicleta, as barreiras e facilitadores para seu uso como meio de transporte. Em relação às barreiras, foi observado que fatores ambientais, conjuntura social, aspectos políticos e fatores pessoais tem influência para dificultar o uso da

bicicleta como meio de deslocamento. Já em relação aos facilitadores, a otimização do tempo utilizado a partir da pedalada, a praticidade, os benefícios pessoais e a possibilidade de não depender da estrutura do trânsito motorizado foram fatores considerados favoráveis ao uso da bicicleta como meio de transporte. A partir desses dados, foi entendido que, se tratando de estruturas cíclicas e condições de acesso, como por exemplo: a falta de ciclofaixas e de locais seguros para estacionar a bicicleta e a ausência de políticas públicas que favorecem ciclistas, existem correspondências entre a cidade e a universidade, uma vez que a pesquisa tem enfoque nas condições de acesso e permanência de ciclistas em ambos os espaços. Como cita a pesquisa documental de acidentes de trânsito ocorridos em Florianópolis de julho de 2014 a agosto de 2015, a presença de interseções e de semáforos nessas interseções, e a colisão traseira como tipo de ocorrência mais frequente foram consideradas e identificadas como afordances.

Em relação à essa pesquisa, nota-se que comportamentos de risco foram identificados enquanto resultado da inter-relação entre este ambiente caracterizado pela presença de interseções e semáforos e os agentes condutores. O estudo comprovou a associação de afordances dinâmicas às configurações do ambiente de trânsito e teve como resultado a necessidade de instalação de semáforos, lombadas eletrônicas, travessias elevadas, faixa de

pedestres e policiamento, como uma atuação mais adequada e eficiente do estado, tendo em vista que a presença de tais instrumentos nestes locais é limitada ou inexistente. O estudo de Costa (2016) sobre a associação entre a fiscalização e policiamento ostensivo e a diminuição da ocorrência de acidentes de trânsito teve como resultado a queda de 12,4% e de 13,8% no número de acidentes graves em decorrência de 1% a mais de efetivo policial ou nas horas de serviço operacionais. Também foi destacado por Bacchieri e Barros (2011) e Bottesini (2010) a fiscalização e aplicação de penalidades como principais medidas de segurança a serem adotadas como restritivas do comportamento de risco. Foi concluído que existe uma necessidade de um olhar mais intensificado do poder público sobre essas questões urbanas que estão relacionadas à circulação e à segurança de pessoas, seja como pedestres, condutores ou passageiros, nas vias, tendo em vista que existe uma falha do Estado naquilo que diz respeito à legislação de trânsito e seus objetivos.

A pesquisa analisou as características do apego à moradia de pessoas que residem em área de risco em um município do Vale do Itajaí, a dimensão intitulada de funcionalidade de lugar ficou em maior evidência de acordo com os participantes, em decorrência da importância de algumas necessidades que dizem respeito à fatores como ter um lugar para morar e cuidar dos filhos. Para eles, tais

necessidades, se forem supridas, tornam-se mais importantes do que o risco corrido, o que demonstra uma relação de dependência com o local. Por outro lado, a insatisfação de necessidades como conforto, segurança e bem estar entraram em evidência em função da ocorrência do desastre e do risco que correm, o que causa sentimentos como medo e insegurança. A importância da residência como a possibilidade de ter seu próprio lar e o esforço dedicado à esta construção foi um fator identificado na dimensão simbólica do apego ao lugar, de modo que entrou em evidência o fato das pessoas se sentirem pertencentes tanto à moradia, quando à comunidade residente no entorno. Conclui-se que a moradia está ligada ao caráter simbólico que o ambiente representa para o sujeito e para o grupo.

CONCLUSÃO

O intuito do texto foi problematizar a relação dos indivíduos com o meio urbano, especificamente o meio ambiente em que vivem, trazendo em consideração a mobilidade e habitabilidade levando em consideração os aspectos subjetivos, cognitivas, afetivas, comportamentais e perceptivas da relação das pessoas com o ambiente, etc., respaldados pelo propósito da Psicologia Ambiental. Área da Psicologia que se propõe à análise da relação bidirecional entre pessoa e ambiente (MOSER, 1998). O crescimento econômico não tem acompanhado o crescimento

demográfico, segundo Moser 1998, o que monta um cenário de uma dinâmica heterogênea em todos os aspectos, físicos, econômicos, geográficos, demográficos, trazendo condições distintas para seus habitantes. Face a esse fenômeno e as manobras estabelecidas das políticas públicas, com estabelecimento de normas e regulamentos no uso dos espaços urbanos, os indivíduos firmam estratégias próprias para habitar e circular em seus espaços. O que desponta o conceito de identidade de lugar, *affordance*, uma alternativa para a compreensão da relação entre comportamento de risco e ambiente de trânsito é o de *affordance* (BATTISTON, 2016).

Pensar em diferentes estratégias na rotina para mobilidade urbana leva em considerações o uso de bicicletas, como alternativa de transporte, tendo em vista que as cidades ainda são voltadas para o transporte individual e coletivo motorizado. O ciclismo, por exemplo, sugere a possibilidade de afetar-se com a cidade, sentir suas inconsistências, conhecê-la a partir de outros pontos de vista, positivos e negativos, as barreiras e os facilitadores de seu acesso, suas belezas e seus entraves e é explicado pelo conceito *affordance*, uma ferramenta útil no campo de estudos sobre o comportamento humano no trânsito e sua relação com a ocorrência de acidentes. O apego ao lugar é um fenômeno relevante para compreensão na relação estabelecida pelos indivíduos com a moradia em área de risco. O

sentimento de apego pelo lugar é um fenômeno importante para compreensão dos sujeitos permanecerem, por exemplo, em áreas de riscos, mesmo que isso traga, frequentemente, uma culpabilização desses sujeitos, por parte dos poderes públicos, interpretando como resistência para permanência nesses lugares. Assim surgem a necessidades de Núcleos Comunitários como forma efetiva na representação da população frente às políticas públicas, garantindo assim o direito à gestão democrática.

REFERÊNCIAS

BACCHIERI, G.; BARROS, A. J. D. Acidentes de trânsito no Brasil de 1998 a 2010: muitas mudanças e poucos resultados. **Revista de Saúde Pública**, v. 45, n. 5, p. 949-963, 2011.

BATTISTON, M. Percepção de *affordances* do ambiente de trânsito e comportamento de risco em motoristas. **Doutorado (Tese em Psicologia)** - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

BOTTESINI, G. Influência de Medidas de Segurança de Trânsito no Comportamento dos Motoristas. **Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção)** - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

Cavalcante, S.; Elali, G. A. **Psicologia ambiental: conceitos para a leitura da relação pessoa-ambiente**. Petrópolis: Vozes, 2018.

COSTA, C. C. et al. Decanulação: atuação fonoaudiológica e fisioterapêutica. **Revista Eletrônica Distúrbios da Comunicação (PUC/SP)**, v. 28, n. 1, 2016.

COSTA, D. A.T. A. A influência do policiamento e da fiscalização nos acidentes de trânsito. **Dissertação (Mestrado em Administração Pública e de Empresas)** - Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2016.

GIFFORD, Robert. O papel da Psicologia Ambiental na formação da Política Ambiental e na construção do futuro. **Psicologia USP**, v. 16, n. 1-2, p. 237-47, 2005. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/psicousp/article/viewFile/41854/45522>>. Acesso em: 18 abr. 2018

MOSER, G. Psicologia Ambiental. **Estudos de Psicologia**, v. 3, n. 1, p. 121-130, 1998



A FORÇA DA NATUREZA NO AMBIENTE DE TRABALHO

Brena Lais de Oliveira Aragão
Caio Filipe Gonçalves Santana
Ewerton Murilo Bezerra dos Santos
João Victor Ferreira Florêncio
Karoline Lemos da Silva
Maria Eduarda Pereira de Figueiredo
Maria Eduarda Souza Aguiar
Mirele Andreza dos Santos Silva
Quezia França da Silva Oliveira
Rayonara Kethellen de Andrade Melo
Roseana Andrade da Silva
Yasmin Évelin Duque Teixeira
Yngrid Couto Pimentel Assis Fellype Emanuel
da Silva Dias

INTRODUÇÃO

Ao pensar em ambiente de trabalho, é normal pensar nos fatores externos e internos que contribuem para deixar aquele ambiente confortável e tranquilo. Quando pensamos em um lugar aconchegante e natural logo deduzimos que o trabalho não é um desses lugares, porém depois que a psicologia ambiental foi descoberta mudamos nossa visão e nossos aspectos sobre nosso entorno

físico, provocando novas formas de pensar sobre esse espaço.

O ambiente de trabalho é constituído em uma totalidade que envolve pessoas, serviços, aparato físico e lugares. O conjunto desses lugares podem contribuir para uma infinidade de acontecimentos. De modo geral o entorno físico pode ser constituído de duas formas: o mundo construído e o mundo natural, no qual o mundo construído seria aqueles que passam por construções humanas, prédios e aparatos funcionais em que todo o processo é relativamente feito por material artificial; Já o mundo natural é tudo que provém da natureza, espaços com vegetação, formas geofísica e que preservam o máximo possível as suas características naturais.

É notório os benefícios psicossociais quando nosso meio advém da natureza, destaca-se o efeito restaurativo e benéfico para aqueles que trabalham constantemente dentro de salas e empresas multifacetadas, possivelmente é interessante observar que grandes empresas que prezam pelo bem estar do funcionário sempre contribuem para a reparação do espaço, colocando plantas naturais em seus escritórios, espaços de convivência arborizados e com grandes vistas, áreas verdes e que esse contato contribui para um vínculo afetivo em relação a esse mundo mais verde e indispensável no nosso dia a dia.

Fatores ambientais como luminosidade, temperatura, ruídos e etc afetam consideravelmente

no rendimento e comportamento dos trabalhadores, porém a psicologia ambiental não tem como foco o rendimento do trabalho, mas sim a conjunção favorável entre ambiente-pessoa, ou seja, um ambiente agradável que estimule o trabalhador, assim contribuindo para uma melhor qualidade de vida. Fazendo com que o ambiente de trabalho não seja apenas um dever ou forma de sustento, mas um lugar de satisfação. Deste modo, o texto visa destacar as vivências de trabalhadores que atuam nessa realidade, desfrutando da natureza em seu ambiente de trabalho.

MÉTODOS

O estudo foi desenvolvido em termo exploratório descritivo e centrado na pessoa. Essa seleção da amostra foi realizada com 36 trabalhadores com faixa etária de 31 a 62 anos, em entrevista semiestruturadas com média de 20 minutos cada, ocorrido por modo aleatório e por acessibilidade, com vínculo profissional na instituição de 4 a 35 anos, a pesquisa se centrou em público pesquisa que estava se aposentando e passará mais de metade de sua vida trabalhando naquela instituição, ou em fase preparatória. Setores variados também foram utilizados para a pesquisa sendo: 81% dos cargos administrativos, 6% dos cargos de gestão e 25% dos cargos laboratoriais, todos eles vivenciavam a natureza presente no local de forma

intensa por estarem constantemente na sede da instituição

A análise teve uma base de dados qualitativa, usando a Análise de Conteúdo (BARDIN, 2004), com intuito de analisar e identificar categorias presentes entre os entrevistados. As respostas foram transcritas para uma planilha excel.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O ambiente de trabalho é onde se passa a maior parte do tempo, então é importante que tenha fatores que contribuem para o bem estar do funcionário. Há estudos que indicam os benefícios dos recursos naturais, por exemplo, plantas ajudam a deixar o ambiente de trabalho mais saudável e mais sadio.

A iluminação também influencia, pois é capaz de reduzir o desconforto físico e psicológico nas atividades desenvolvidas. Um ambiente com má iluminação, desorganizado, sem janelas, sem esse contato com a natureza, afeta significativamente a qualidade de vida no trabalho (FIGURA 1):

Figura 1 - Infográfico



Fonte: Os benefícios da natureza nos locais de trabalho, BENCKE; Priscilla (2015) <<http://www.qualidadecorporativa.com.br/os-beneficios-da-natureza-nos-locais-de-trabalho/>>

É importante que se tenha momentos ao ar livre, onde seja possível se exercitar, se movimentar, pois com essa urbanização, vemos mais prédios e se torna mais ausente os espaços de contato com a natureza. E mesmo que esses contatos sejam por pouco tempo, são muito benéficos, pois melhora o humor e a concentração, ajuda na redução do estresse, proporciona sensação de bem-estar.

De acordo com a teoria de Kaplan e Kaplan (1989) do Restauo da Atenção, ambientes restauradores são aqueles capazes de restabelecer a atenção do cansaço gerada pela concentração em ações específicas e constantes a que as pessoas são submetidas no seu dia a dia. Para que os ambientes sejam considerados restauradores, precisam ter quatro características: “Escape”, onde seja proporcionado um distanciamento físico e também psicológico; “Fascinação”, envolvendo uma atenção sem influência e um interesse natural; “Escopo”, que remete a percepção do ambiente como um todo e de fazer parte deste; “Compatibilidade”, que converge ou não entre o ambiente e o que se pretende fazer nele. (Alves, 2011).

Conforme a teoria da Recuperação do Estresse (TER), comprova que emoções geradas pelo contato com a natureza, diminui reações de estresse. É chegado à conclusão que o estresse é uma resposta fisiológica a fatores que intimidam o bem estar. Ambientes com vegetação e água, por exemplo, possuem capacidade de acalmar, e de acordo com essa teoria, são considerados recuperadores de estresse.

Pilotti (2014) sugere que os efeitos da natureza depois de uma jornada de trabalho são extremamente positivos, o estudo traz que uma exposição à natureza durante o decorrer do dia, mesmo que breve, trará benefícios, podendo trazer um desempenho cognitivo, melhorando a atenção e

memória a longo prazo. Os resultados mostram que aqueles que assistiram ao vídeo, desenvolveram mais vigor ao concluir suas tarefas, e maior capacidade de memória. O estudo levanta a importância dos trabalhadores terem contato com a natureza no ambiente de trabalho e quão benéfico isso pode vir a ser.

No estudo da psicologia ambiental há vários conceitos importantes, como o conceito da relação pessoa-ambiente, onde pela interação, o espaço físico vira um espaço de significado, organizado ao redor das representações e símbolos do indivíduo. Um processo psicológico que transforma o local em um cenário de acontecimentos, de pertencimento, responsabilidade, competência, enfim, de várias sensações.

Na pesquisa houveram muitos relatos interessantes dos empregados com relação aos fragmentos de floresta em seus espaços de trabalho. A maioria deles positivos, mostrando satisfação com o ambiente: "somos privilegiados por estar aqui dentro. Todo mundo diz prá gente que deve ser tão bom trabalhar com essa natureza", e também: "[o sentimento] é de felicidade, de orgulho de trabalhar aqui. É um prazer porque eu entro em contato com a natureza".

Podemos notar então, o processo de apropriação do local pelos funcionários, eles sentem que aquele lugar é uma parte importante deles, não apenas um local físico, mas um de símbolos e

sentimentos. Ele é tratado como uma parte de seus corpos, uma extensão. É interessante notar também que a tranquilidade e paz que eles sentem com o ambiente faz com que eles sintam uma harmonia no trabalho, o que aumenta a qualidade de sua profissão. Um relato nos conta: "harmonia... Por causa de um todo né. Amigos, trabalho, fazer aquilo que gosta e o ambiente. Porque isso aí faz bem para todas as pessoas. Eu penso assim. Prá mim faz bem".

É importante notar também que para os funcionários estar nesse ambiente não é apenas um privilégio, mas também uma responsabilidade com a preservação do meio ambiente, de proteger a mata. Um dos relatos nos conta que "todas as instituições deveriam ter um ambiente de preservação, um ambiente verde: os hospitais, as entidades, os órgãos públicos".

Na pesquisa também foi revelado que mais de 50% dos entrevistados têm sentimentos de realização profissional e pessoal. É interessante associar esse número com o ambiente de natureza que se encontra no local. Um relato diz:

"Trabalhar vendo essa paisagem é diferente...Então seria estressante se não existisse. Vai ficar mais lelé da cuca, vamos dizer assim, e aqui não, você fica aqui em paz com a natureza daqui né, e se você for pro centro da cidade vai se estressar, não vai conseguir trabalhar e vai se desgastar mais".

Para além disso a conexão dos entrevistados tornou-se de tamanha profundidade com o ambiente em questão que haviam relatos nas entrevistas de trabalhadores que poderiam legalmente se aposentar, mas ficaram no trabalho pelo prazer e responsabilidade de cuidar das áreas verdes do campus. O local não significa mais somente um trabalho tradicional para estas pessoas, mas também conexão, pertencimento e cuidado para além de com os próprios colegas.

A conexão traz consigo uma proximidade com o ambiente que os torna agentes de mudança do local. Muitos dos funcionários entrevistados contam como gostariam de ter mais iniciativa a respeito das construções que tomam o espaço das áreas verdes do campus. Não é sobre construir ou não extensão do campus, mas sobre cuidar da área natural eu já passa a fazer parte da cultura de trabalho do campus

As vivências em meio a natureza no trabalho é algo que traz consigo uma valorização positiva das emoções e das sensações. Uma apropriação disso não traz consigo somente um trabalho saudável, mas uma vivência saudável valorosa para o indivíduo.

CONCLUSÃO

O trabalho foi feito para estudar como a força da natureza traz impacto para todos que são colaboradores no ambiente de trabalho. A psicologia ambiental nasce provocando novas formas de

pensar, ressaltando a importância do entorno físico na qual o sujeito se encontra, e trazendo à tona o fato de que, sem o qual, a pessoa não existiria.

Diante do aprofundamento entre a natureza no ambiente de trabalho, nos mostra a relação pessoa-ambiente, mas especificamente, pessoa e natureza. O espaço de trabalho nos relata a dimensão psicológica, sociocultural e ambiental, como indissociáveis. Com as características apresentadas físicas do ambiente, a natureza revela-se como fator de agradabilidade.

Com isso, percebe-se que a força da natureza no ambiente de trabalho implica na satisfação e bem-estar do colaborador, como os relacionamentos das pessoas, as retribuições organizacionais, as tarefas realizadas, a estrutura e a arquitetura daquele local. Portanto vale ressaltar que o trabalho em si como processo subjetivo e laboral não ocorre em qualquer lugar, não é um vácuo, mas sim num lugar circunscrito no espaço.

REFERÊNCIAS

BENCKE; Priscilla. **Os benefícios da natureza nos locais de trabalho**. 2005. Disponível em: <<http://www.qualidadecorporativa.com.br/os-beneficios-da-natureza-nos-locais-de-trabalho/>> Acesso em: 10 de Outubro de 2021.

HIGUCHI, Maria Inês Gasparetto; SOUSA, Adria de Lima. A força da natureza no ambiente de trabalho. *In*: HIGUCHI, Maria Inês Gasparetto; KUHNEN, Ariane; PATO, Claudia (org.). **Psicologia Ambiental em Contextos Urbanos**. 1. ed. Florianópolis: Edições do Bosque/CFH/UFSC, 2019. *E-book*



MODIFICAÇÕES NO AMBIENTE EM DECORRÊNCIA DO COMPORTAMENTO HUMANO

Ádila Naiane da Silva Sousa
Deusiany Jéssica Queiroz de Oliveira
Giulia Colombo Pardo
Maria Daniely da Silva
Maria José de Souza Feitosa
Núbia Ravelly de Morais Felix
Otávio Edmundo de Moura
Rayane Thaís Gomes da Costa
Renata Glesia Torres Sousa

INTRODUÇÃO

Percebe-se que o aumento da concentração de pessoas e circulação de mercadorias nos centros urbanos alertam para a necessidade de criação de estratégias voltadas para a moradia e a mobilidade, que vão ao encontro dos direitos humanos, além de contribuir positivamente para o cotidiano dos habitantes. É uma necessidade que não se mostra atendida na maioria das cidades Brasileiras em que o crescimento econômico não atende o crescimento demográfico. Surge então a necessidade de agir de acordo com a realidade urbana. Um relevante meio de transporte não motorizado presente na atualidade

é a bicicleta, que, além de facilitar o trânsito, é também um ótimo agente para a saúde, porém, existe uma série de fatores que dificultam o seu uso.

O comportamento do ser humano no trânsito ainda é algo muito complexo, que envolve vários aspectos, incluindo ocorrências de acidentes no trânsito. Dentre diversas relações, encontra-se alguns fatores de bastante relevância nas questões de trânsito, como a idade do condutor, questões emocionais, características de personalidade, etc.

A pesquisa foi feita com o fim de analisar os fatores dos locais onde as pessoas transitam e vivem, focando nos meios urbanos, locais habitáveis e suas relações.

MÉTODOS

O capítulo 8 do livro “Psicologia ambiental em Contextos Urbanos” traz o resultado de três pesquisas realizadas com públicos diferentes, porém, com o mesmo objetivo: avaliar as relações entre pessoa-ambiente em contexto de expansão urbana.

Os métodos utilizados para realização da primeira pesquisa foi a observação das estruturas disponíveis no ambiente para ciclistas em torno do Campus da Universidade Federal de Santa Catarina, e também uma pesquisa semiestruturada com 18 universitários de ambos os sexos, com idade entre 21 e 37 anos (média de 25 anos), que faziam o uso da

bicicleta como meio de transporte de sua casa até o Campus Universitário.

A segunda pesquisa teve o objetivo de identificar os AFFORDANCES associados aos comportamentos de risco de motoristas no trânsito. O levantamento das informações foi feito através de uma pesquisa documental de acidentes de trânsito, ocorridos em Florianópolis no período de julho de 2014 à agosto de 2015, também foi realizada uma observação nos locais com altos números de acidentes.

A terceira pesquisa visou entender a relação de apego dos moradores a suas casas em locais com grande risco de desastres ambientais, e também quais fatores poderiam influenciar no acontecimento desses desastres. A pesquisa foi realizada com o apoio de um representante da Defesa Civil, que conhecia bem as áreas de risco do local de estudado, Vale do Itajaí/SC, e com a colaboração de 18 moradores dessa região, sendo 16 do sexo feminino e 2 do sexo masculino, com idade média de 41 anos e cinco meses. O método utilizado nessa pesquisa foi a observação do local e uma pesquisa semiestruturada com os moradores.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

É evidente que a população mundial vem crescendo a cada dia que se passa e, conseqüentemente o ambiente acaba sendo

modificado através da ação do homem. Dentre dessas ações podemos citar o desmatamento para construção de novas moradias, o aumento da industrialização, queimadas de lixos e restos orgânicos, a poluição ambiental e a poluição atmosférica.

Logo, o aumento do aquecimento global e efeito estufa, se torna uma realidade para todos os seres humanos e demais seres vivos. A emissão de CO (monóxido de carbono) liberado pelo escapamento dos veículos, através de altas temperaturas causadas pelas queimadas de carvão ou derivados do petróleo, ao ser inalados, entra em contato com a nossa corrente sanguínea e impede a circulação da hemoglobina que é responsável por transportar o oxigênio, além de provocar o desequilíbrio no efeito estufa.

Uma maneira para amenizar esse impacto causado no meio ao qual estamos inseridos, é fazer a troca de meios transportes quando necessário. O uso da bicicleta é uma das alternativas mais viáveis, por se tratar de um transporte não motorizado, acaba se destacando como uma forma para visibilizar a modalidade urbana e não poluir o ar atmosférico, diminuir o tráfego urbano, gera economia para a pessoa que optar por esse meio de transporte, além de muitas vezes acabar sendo mais rápido e contribuir para a saúde. (ALVEZ; BATLISTON; OLEKSZECHM; SLEITR, 2019).

Para Bomfim 2010, o ciclista coopera para ambas as partes, tanto para si, quanto para o meio ambiente, o comportamento é modificado, algumas áreas são estimuladas como a cognição, afetividade, as emoções, e a saúde fisiológica. O ciclista acaba desenvolvendo sentimentos e conexões por aquele lugar, além de agirem e transformarem seu estorno.

De acordo com Olekszechen, Massola e Kuhnhen 2016:

“Outro aspecto que se configura como benefício/motivo é o bem-estar que seu uso gera. Entendeu-se por bem-estar aqueles fatores relacionados à prática de exercício físico, aos ganhos da saúde e aos momentos de descontração referentes à pedalada. Fazer o ‘corpo trabalhar’, fazer uma ‘atividade física e soltar substâncias’ no organismo e ao mesmo tempo se ‘descontrair’ produzem o que os participantes denominaram de ‘sensação boa’.”

É notável que a pratica do ciclismo não só contribui para um ambiente melhor, como também a saúde do mesmo. Prevenindo doenças cardiovasculares, como derrame, pressão alta e ataque cardíaco, contribui para que haja uma circulação sanguínea melhor, etc. O ciclismo também ajuda no emagrecimento e fortalecimento de músculos.

O site Forumcarros (2012) realizou uma pesquisa com vários ciclistas e uma das perguntas foi:

“Onde se sente menos seguro (a) pedalando?”
 Observe o resultado no Quadro abaixo.

NOME	IDADE	RESPOSTAS
Wesley de Souza	25 anos	Vias mais movimentadas (carros) da cidade.
Leonardo	21anos	Onde tem muito carro e principalmente onde eles passam numa velocidade maior. Nem as motos respeitam os ciclistas e mesmo passando rápido passam bem perto de você.
Ricardo	25 anos	Vias mais movimentadas (carros) da cidade, inclusive, é o principal motivo por não pedalar mais. Não me sinto seguro em cima da bike, cidade cresceu muito nos últimos anos.
Gustavo Godoy Reginato	22 anos	Na cidade e quando pego alguns trechos de rodovias para chegar a algumas trilhas.
Euder Gustavo C. Pereira	37 anos	Em vias de velocidade
Luiz Eduardo	30 anos	Grandes avenidas

É nítido que existe um medo comum entre os entrevistados que são as vias movimentadas, sabemos que quando os ciclistas se expõem em

territórios como esses passam a sofrer perigos que na maioria das vezes parte de motoristas irresponsáveis. O artigo de 58 de código de trânsito explica que quando não houver ciclovia ou ciclofaixas, os ciclistas devem trafegar em vias compartilhadas, tendo as bicicletas prioridade sobre os demais veículos. Logo, podemos ver que ao contrário do que muitos pensam a respeito, os ciclistas tem o direito e devem trafegar as mesmas vias que os demais meios de transportes, sejam carros, caminhões, motos, etc. (Bike Registrada, 2020)

De acordo com o site Bike Registrada, 2020.

O Código de Trânsito Brasileiro ainda orienta que os ciclistas trafeguem em vias urbanas e rurais de pista dupla, quando não houver ciclovia, ciclofaixa ou acostamento (ou quando não for possível o uso destes), nos bordos da pista de rolamento, sempre no mesmo sentido de circulação regulamentado para a via, com preferência sobre os veículos automotores.

Um ambiente adequado para que os ciclistas possam locomove-se de forma segura é um incentivo para que haja comportamento de uso de bicicletas para deslocamentos do cotidiano, como ir à escola, a padaria e entre outros lugares que seja acessível pra o uso de bicicleta. É de grande importância que as políticas públicas tenham um olhar diferencial sobre os ciclistas e que promova o incentivo e principalmente a segurança necessária para os

mesmos, assim contribuindo pra ambiente menos poluído e uma relação ciclista-ambiente nessa relação de troca. (OLEKSZECHEN; BATTISTON; KUHNHEN, 2016).

CONCLUSÃO

O texto analisou a dinâmica dos moradores e sua relação com o local onde vivem olhando especificamente para mobilidade urbana e habitabilidade. Sob o ponto de vista de mobilidade concluiu-se que as cidades têm sido construídas para privilegiar os carros particulares com motoristas individuais. Do ponto de vista habitacional, políticas de habitação não incentivam modos diversos de ocupação territorial. O estudo mostrou que os habitantes desenvolvem de forma individual ou coletivamente, estratégias para habitar e circular.

A sugestão da identidade com o lugar a través da movimentação por bicicleta se propõe a inserir movimento a um estatuto de estabilidade e mobilidade. Desta forma identificar-se com a cidade permite afetar-se por ela e percebe-la sob diferentes perspectivas. A movimentação permitiu que os participantes da pesquisa pudessem perceber as paisagens negativas e positivas da cidade.

Sugere-se estratégias que tragam segurança para pessoas que usam sua própria força motriz para locomoção, como pedestres e ciclistas, por exemplo. O planejamento e concretização das cidades ainda é

realizado pensando no transporte individual motorizado, em detrimento até mesmo de transporte coletivo e ciclistas.

A metodologia do Affordance se mostrou uma ferramenta adequada para o estudo das relações humanas com o trânsito. De acordo com a percepção das pessoas envolvidas a presença de intersecções e semáforos estão associadas a comportamentos de risco como frenagens bruscas e ultrapassagens forçadas. O aprofundamento de um estudo do tipo pode fundamentar estratégias que reduzam os sinistros de trânsito.

Nesta pesquisa foi mostrado que o apego ao lugar é importante para entender a relação complexa entre os moradores de um lugar e o próprio lugar. É importante que haja Núcleos comunitários de defesa civil, para que a população seja também um ator da Política de Proteção e Defesa Civil. Também se destaca a necessidade de elaboração do plano diretor das cidades com a participação efetiva da população que a habita.

REFERÊNCIAS

HIGUCHI, Maria Inês; KUHNEN, Ariane; PATO, Claudia. **Psicologia Ambiental em Contextos Urbanos**. Série - Sociedade e Meio Ambiente, [s. l.], p. 1-191, 2019.

ALVES, Roberta Borghetti et al. Relações pessoa-ambiente em contexto de expansão urbana: O apego à moradia em áreas suscetíveis à ocorrência de desastres socioambientais. *In*: HIGUCHI, Maria Inês Gasparetto; KUHNEN, Ariane; PATO, Claudia.

Psicologia Ambiental em Contextos Urbanos:

Relações pessoa-ambiente em contexto de expansão urbana. 2016-2020. ed. Catalogação na fonte pela Biblioteca Universitária da Universidade Federal de Santa Catarina: Edições do Bosque Gestão, 2019. v. 1, cap. 8, p. 165-169. ISBN 978-85-60501-37-3.

OLEKSZECHEN; BATTISTON; KUHNEN. Uso da bicicleta como meio de transporte nos estudos pessoa-ambiente. *Desenvolvimento e meio ambiente, Sistema eletrônico*, ano 2016, v. 36, 1 abr. 2016. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/made/article/view/43654/27920>. Acesso em: 11 out. 2021.



A NATUREZA: ESPAÇO DE DESENVOLVIMENTO, QUALIDADE DE VIDA E AFETIVIDADE

Anna Letícia Alves Silva
Bruna Karine Marques
Clara Correia Vanderlei
Dayse Crislaine Cavalcante de Souza
Ivaneide Alves da Silva
Maria Clara de Souza Melo Lima
Mary Agnes Tavares Autran
Paula Fernandes da Silva

INTRODUÇÃO

A globalização e o processo de industrialização acarretou em um maior crescimento urbano, com isso, foi possível perceber que as áreas verdes e a natureza estão cada vez mais escassas, e estudiosos acreditam que as pessoas passaram a perder os benefícios deste contato entre ser humano e ambiente natural. Diante disto, o planejamento ambiental surgiu com a proposta de fazer com que esta relação (indivíduo e natureza) ocorra mesmo dentro do espaço urbano, contando com a ação de políticas públicas (HONDA, et al. 2015).

Vários estudos apontam que a falta do contato com a natureza faz com que os níveis de estresse, cortisol e ansiedade se elevem, em decorrência disso, as pessoas têm maior tendência e predisposição a

apresentar doenças crônicas, como hipertensão, problemas cardíacos e respiratórios. Somado a isso podem desenvolver sintomas psicopatológicos e até transtornos mentais, além de um impacto significativo na afetividade (KLEIN. C; PERES. P; MACHADO. G, 2019).

Em contra partida os benefícios causados pelo contato com essas áreas têm ligação direta com o bem-estar físico, mental, emocional e social, possibilitando ao sujeito que consiga lidar melhor com as demandas diárias e que se relacione de forma mais saudável consigo e com os outros. Estes espaços dentro da cidade podem servir como um escape dos ambientes estressantes e frenéticos que a maioria da população enfrenta nos dias atuais (KLEIN. C; PERES. P; MACHADO. G, 2019).

Levando estes pontos em consideração, o capítulo reservado para este estudo (capítulo 9) buscou verificar se a interação dos pesquisados com estes espaços naturais iriam beneficiá-los de forma a melhorar sua qualidade de vida. Para isso, realizou três pesquisas, a primeira foi com os pais de algumas crianças, onde estes verificaram a funcionalidade dos objetos e dos espaços de um parque (affordance). A segunda buscou investigar, através das cognições, emoções e sentimentos, como as pessoas estariam após um período regular de contato com a natureza, já a terceira voltou-se a como um grupo de pescadores vivenciam ou não as vantagens vindas do

ambiente ao longo de gerações (KLEIN. C; PERES. P; MACHADO. G, 2019).

MÉTODOS

Este capítulo baseou-se em três pesquisas realizadas pelo Laboratório de Psicologia Ambiental da Universidade Federal de Santa Catarina (LAPAM-UFSC). Cada uma delas focou ambientes diferentes na zona urbana onde a natureza está presente e cuja funcionalidade destas áreas são diferentes nas vivências de cada indivíduo.

Após cada uma das pesquisas levantou-se os principais pontos coletados e, então, deu-se a análise integrando os três estudos para se obter o resultado de como a população entende e sente o contato com estes espaços. Ressalta-se que para atingir os objetivos esperados, cada um dos estudos concentrou-se em espaços específicos: o de Peres (2013) foi realizado em um parque como área de reserva; o de Klein (2016) e espaço escolhido foi uma praça representando uma intervenção paisagística e a terceira, o estudo de Machado (2016) que se detém em uma área de preservação permanente, na qual uma dada comunidade de pescadores vive e se sustenta das matérias primas fornecidas por este ambiente. Todos estes cenários encontravam-se inseridos em um contexto urbanizado.

Em cada um, os autores buscaram a relação dos frequentadores com cada um dos respectivos

ambientes através da observação de informações desta paisagem e entrevistas com perguntas abertas e fechadas voltadas aos usuários destes espaços.

O estudo de Peres (2013) deteve-se em observar motivos que levam os pais a escolherem os parques para levar seus filhos. Entrevistou 105 pais que foram questionados de suas percepções sobre a relação criança-natureza-brincadeiras e sobre os affordances contidos neste microambiente que, do ponto de vista deles, eram mais atrativos para as crianças de 2 a 12 anos.

A pesquisa de Klein (2016) utilizou como instrumentos de pesquisa as entrevistas semiestruturadas e mapeamento comportamental dos frequentadores de uma praça específica. Solicitou-se destes que relatassem como se sentiam em relação a este ambiente planejado e como os elementos naturais influenciavam a vida dos moradores e as condições biofísicas urbana.

A pesquisa de Machado (2016) limitou-se a um ambiente bem definido: uma ilha da região Sul do Brasil. Como instrumentos de pesquisa utilizou-se desenhos, produzidos pelos habitantes naturais, representativos da qualidade de vida nesta circunscrição; após os desenhos foram elaboradas perguntas abertas e fechadas para que explicassem os significados destas produções chamado de mapa afetivo (BOMFIM, 2003 apud KLEIN, 2016; PERES, 2013 e MACHADO, 2016). Tal estudo também se

voltou para três fatores determinados de acordo com perspectivas dos nativos dessa ilha em relação:

- À qualidade de vida;
- Ao desenvolvimento sustentável;
- Aos serviços ecossistêmicos, culturais e de regulação imobiliária

Além disto, foram feitas pesquisas à parte, que objetivaram reforçar conceitos apresentados ao longo do texto base.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Buscando comprovar a influência da natureza no bem-estar humano, o texto base apresenta três pesquisas realizadas pelo Laboratório de Psicologia Ambiental da Universidade de Santa Catarina, na qual a primeira pesquisa abordará a interação de um conjunto de pais com a natureza e quais as percepções produzidas por eles em um parque (Área de preservação permanente). Um conceito bastante presente nessa pesquisa é o de *affordance*, que de acordo com Januario, Manrique e Pires (2018) trata-se da percepção que o indivíduo tem de determinado elemento, ou seja, quais as possíveis funcionalidades e significados que ele atribui a um objeto.

Sendo o parque um ambiente repleto de elementos e informações, muitas *affordances* foram identificadas, ou seja, os pais relataram diversas

funcionalidades dos objetos presentes naquele ambiente, dentre elas por exemplo, as árvores, nas quais os pais visualizavam a possibilidade das crianças se balançarem, pendurarem, abraçarem, entre outros. Outra affordance também citada foi a borda da lagoa e nela, percebeu-se a possibilidade de andar de bicicleta, jogar bola e pular corda (KLEIN; PERES; MACHADO, 2019).

Nesse sentido, é possível inferir que a natureza representa um papel muito importante na vida da criança, visto que através das affordances, ela terá acesso à múltiplas possibilidades de ações em relação a um único objeto. O próprio ambiente funciona como um facilitador de socialização, visto que a criança não só interage com os pais, mas também com outros adultos presentes, além disso, auxilia no estímulo do desenvolvimento dessas crianças, uma vez que elas realizam diversas atividades de exploração no ambiente. Portanto, em função dos benefícios propiciados pelos elementos da natureza, Klein, Peres e Machado (2019), sugerem a necessidade de construir mais espaços como esse, visando maior bem-estar dos seres humanos.

A segunda pesquisa realizada por Klein (2016) buscou compreender a relação dos habitantes com uma praça pública presente em sua cidade. Apesar da praça pública ser produto da interferência humana, ela é constituída também por elementos da natureza, que quando estabelecem vínculos com os moradores

do local, proporcionam sensações positivas como diminuição do estresse.

Foi solicitado aos habitantes que discorressem sobre a praça e ao falar dos elementos naturais, eles citavam que o ambiente proporcionava sensação de relaxamento, alívio, descanso, melhora da qualidade da saúde mental, tranquilidade, entre outros. Em contrapartida, para se referir aos elementos mais estéticos do ambiente, eles citavam a iluminação, a organização do local, as cores e a vegetação. Deve-se ressaltar que a natureza presente nos espaços urbanos não só afeta os elementos psicossociais, mas também favorece a qualidade de vida, no que diz respeito a saúde, visto há uma melhora do ar, da água, do solo e do clima (OLIVEIRA et al., 2013).

Outro ponto ressaltado pelos participantes é a capacidade do ambiente de promover interações sociais, de modo que até os visitantes daquele local se sentiam mais incluídos e confortáveis para conversar com os habitantes ali presentes. Desse modo, é possível perceber mais uma vez que ao falar sobre a natureza em si, as pessoas apontam as sensações de bem-estar de forma mais intensa, evidenciando a influência que ela assume sobre os sentimentos (KLEIN; PERES; MACHADO, 2019).

Desta maneira de acordo com os dados citados, podemos observar que frequentar ambientes abertos, de forma que esses apresentem propostas estéticas e de contato com a natureza, favorece a manutenção ou melhoria de qualidade de vida, pois

estabelece o contato com elementos naturais e relações sociais em conjunto, segundo (HIGUCHI, 2019; SUGIMOTO, 2013).

De um ponto de vista mais amplo, de acordo com uma pesquisa realizada por (MACHADO, 2016), coloca como ponto central a qualidade de vida e convivência com o ambiente em uma área de proteção ambiental, considerando o conceito de acordo com (VLKEV, 2013, p. 2) que diz que “A condição de vida humana existente em determinado tempo e lugar, em conformidade com os seus desejos, sonhos e aspirações idealizadas”.

Para que haja um desenvolvimento sustentável é preciso que as satisfações presentes se comprometam com as possibilidades e necessidades de gerações futuras (HIGUCHI, 2019, apud BRUNDTLAND, 1987). Envolvendo assim análises de diversas formas de capitais, dentre eles: social, sustentável. De forma que a relação e inter-relação desse ambiente fosse compreendido. Resultando na construção um mapa afetivo daquela região de acordo com sua comunidade.

Os resultados obtidos nessa pesquisa mostraram que a comunidade de acordo com os critérios de qualidade de vida; evidenciavam uma qualidade de vida insustentável de acordo com os padrões de capital natural e manutenção dos serviços ecossistêmicos (HIGUCHI 2019, apud COSTANZA et al., 2017).

CONCLUSÃO

Mediante o exposto é possível perceber a clara influência na saúde física e mental que a relação homem-natureza pode causar ao ser humano. No entanto, é necessário atentar-se para a necessidade de ações conjuntas entre comunidade e governo, para que haja uma preservação e manutenção das áreas verdes, não só dos espaços florestais, como também no espaço urbano, proporcionando a interação com a natureza em meio ao ambiente urbano. Os investimentos necessários se abrangem, de geração para geração, com o intuito de possibilitar todos usufruírem desses espaços.

A partir das interações sociais e afetivas é possível encontrar uma qualidade de vida alta e uma quase certeza de que estes espaços estejam disponíveis para as gerações futuras. A afetividade construída entre as atuais gerações é um ponto chave para que haja uma preservação, conscientização e manutenção desses espaços para que ambos possam gozar dos benefícios desta interação. Para além, é necessário também uma promoção de incentivo daqueles órgãos responsáveis destas áreas para que mais pessoas possam alcançar esta qualidade de vida.

Como futuras psicólogas, compreendemos a importância dessa conexão com a natureza, como autocuidado em relação a sua saúde mental, exercendo um momento de espiritualidade e

harmonia no ser, possibilitando melhor sensação de bem-estar em sua vida.

REFERÊNCIAS

HONDA. S. C. A. L, et al. Planejamento Ambiental e Ocupação do Solo Urbano em Presidente Prudente (SP). Urbe, **Revista Bras. Gest. Urbana** 7 (1). 2015.

JANUARIO, Gilberto, MANRIQUE, PIRES, Ana Lúcia Célia Maria Carolino. Conceitos de Affordance e de Agência na Relação Professor-Materiais Curriculares em Educação Matemática. **Bolema: Boletim de Educação Matemática** [online], v. 32, n. 60, 2018.

KLEIN. C; PERES. P; MACHADO. G. A natureza: espaço de desenvolvimento, qualidade de vida e afetividade. In: HIGUCHI. M; KUHNEN. A; PATO. C. **Psicologia Ambiental em Contextos Urbanos**. Florianópolis: Edições do bosque/ CFH/UFSC, 2019.

OLIVEIRA et al. Benefícios Da Arborização Em Praças Urbanas - O Caso De Cuiabá/MT. **Rev. Elet. em Gestão, Educação e Tecnologia Ambiental**, v(9), nº 9, p. 1900-1915, fev, 2013.

